



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos



INGENUIDADES

FOTOGRAFIA E ENGENHARIA 1846-2006

ÍNDICE

GULBENKIAN PRIZE 2007 PARA MUSEUS E GALERIAS OS CANDIDATOS	2
PRÉMIOS GULBENKIAN: COMPOSIÇÃO DO JÚRI	4
EM FILA POR AMADEO	5
ENCOMENDA A PAULA REGO EXPOSTA NO CAMJAP	5
PRÉMIOS NOBEL DA MEDICINA	6
COLÓQUIOS ANIMAM EXPOSIÇÃO	7
CONCERTOS COMENTADOS	7
PORTUGAL E OS PORTUGUESES VISTOS PELOS IMIGRANTES	8
COMO O CINEMA ERA BELO	10
PAISAGENS MÚLTIPLAS – CRUZ FILIPE	12

DESTAQUE

CARTIER 1899-1949. O PERCURSO DE UM ESTILO	14
INGENUIDADES – FOTOGRAFIA E ENGENHARIA	16

BREVES

FUNDAÇÃO É PERSONALIDADE TURÍSTICA DE 2006	19
FUNDAÇÃO FINANCIA RECUPERAÇÃO DE ARQUIVOS DO ULTRAMAR	19
FUNDAÇÕES PORTUGUESES EM DIÁLOGO	19
EXPOSIÇÃO NA ÍNDIA	20
BOLSAS JOHNS HOPKINS	20
MANUEL CASTELLS NA FUNDAÇÃO	20
UM LABORATÓRIO DE CULTURA <i>ONLINE</i>	20
AS ESCOLHAS DE MARIA DE MEDEIROS	20
CENTRO CULTURAL DE PARIS PUBLICA LE MONDE COMME IL VA	21
ESTUDOS MUSICOLÓGICOS: DOIS NOVOS NÚMEROS	21
BIBLIOTECAS ESCOLARES E CENTROS DE RECURSOS	21

Um ROSTO DA PSICOLOGIA

CLÁUDIA ABREU LOPES	22
---------------------------	----

Um ROSTO DO TEATRO

MARCOS BARBOSA	23
----------------------	----

Uma OBRA DO CAMJAP

VANITAS, PAULA REGO	24
---------------------------	----

Uma OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

L'ÉVENTAIL	25
------------------	----

Uma OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

MESA SECRETÁRIA, MARTIN CARLIN	26
--------------------------------------	----

AGENDA

.....	27
-------	----

PUBLICAÇÕES

.....	31
-------	----

NEWSLETTER Nº 80. FEVEREIRO. 2007

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27

info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

FOTOGRAFIA Nuno Vieira

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX]

NA CAPA John Gollings, Ópera de Sydney – vista aérea “olho-de-peixe”, Novembro 1991

Cortesia do artista

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 9000 exemplares

GULBENKIAN PRIZE 2007 OS CANDIDATOS

São dez os candidatos ao Prémio Gulbenkian para museus e galerias 2007. Uma lista variada e diversificada, “inspiradora”, como refere a presidente do Júri, Francine Stock, e que constitui um enorme desafio para o Júri que vai escolher o vencedor. O anúncio dos quatro finalistas será feito em Abril e o prémio será conhecido no dia 24 de Maio, em Londres.

1) BRAINTREE DISTRICT MUSEUM FOR THE WARNER TEXTILE ARCHIVE, ESSEX

Um museu constituído por têxteis assinados por *designers* e artistas famosos, numa casa do século XIX, onde, aliás, foram criados.

2) DE LA WARR PAVILION, BEXHILL-ON-SEA, EAST SUSSEX

The Pavilion é um bom exemplo da arquitectura modernista; além da atenção à área educativa, tem um centro de arte contemporânea e sala de espectáculos.

3) HORNIMAN MUSEUM FOR THEIR NEW AQUARIUM, LONDRES

Este projecto usa as novas tecnologias e a inovação para criar um ambiente atraente para o público mais jovem.

4) KELVINGROVE ART GALLERY & MUSEUM FOR THEIR NEW CENTURY PROJECT, GLASGOW

Um projecto de recuperação e restauro da centenária galeria de Glasgow que integra o museu no seu décor natural.

5) KEW PALACE, HISTORIC ROYAL PALACES, SURREY

Após uma década de conservação e restauro, o retiro de campo do rei Jorge III pode ser visitado. Este palácio, o mais pequeno do Reino Unido, surge agora de cara lavada, permitindo conhecer a intimidade de uma casa real e quartos que há 200 anos não eram vistos.



Richard Waite



6) PALLANT HOUSE, CHICHESTER, WEST SUSSEX

A galeria Pallant House construiu uma nova ala de *design* modernista para albergar uma das melhores colecções de arte britânica do século XX.

7) SCOTLAND & MEDICINE: COLLECTIONS & CONNECTIONS, EDIMBURGO

Este projecto dá a conhecer, em todo o país, colecções médicas escocesas a públicos locais, nacionais ou internacionais, através de um consórcio de 24 museus e outras organizações.

8) V&A FOR THE JAMEEL GALLERY OF ISLAMIC ART, LONDRES

Os cerca de 400 objectos em exposição – de cerâmicas a têxteis, tapetes, vidraria, trabalhos em madeira e em metal – fazem desta colecção de arte islâmica uma das mais famosas e completas do mundo.

9) WESTON PARK MUSEUM, SHEFFIELD

A transformação do edifício trouxe uma vida nova a este tesouro vitoriano. Alberga agora novas exposições, com grande interactividade e diversão, que destacam o melhor da arqueologia, história natural e social e colecções de arte decorativa e visual de Sheffield.

10) THE WOMEN'S LIBRARY FOR THE EXHIBITION PROSTITUTION: WHAT'S GOING ON? LONDON METROPOLITAN UNIVERSITY, LONDRES

Uma exposição e um programa provocador assinalam o centenário da morte de Josephine Butler, fundadora da Federação Abolicionista Internacional, na luta contra a prostituição regulamentada, em 1875. Esta mostra explora as ligações em torno da prostituição e do tráfico, no passado e no presente. ■





Termina a 15 de Março o prazo de entrega de candidaturas aos cinco Prémios Gulbenkian: Internacional, Arte, Beneficência, Ciência e Educação. É o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian que escolhe os vencedores, com base numa proposta de um júri independente, constituído e composto por personalidades de reconhecido mérito, nacionais e estrangeiras (ver caixas). Todas as distinções serão entregues a 20 de Julho, dia do Fundador. A Fundação decidiu atribuir estes galardões por ocasião do seu 50º Aniversário, para reafirmar a fidelidade ao desígnio de Calouste Gulbenkian e divulgar acções inovadoras nas suas esferas de actuação. O Prémio Internacional, no valor de 100 mil euros, pretende distinguir o projecto de uma individualidade ou instituição na área dos Direitos Humanos – respeito pela diferença e diálogo intercultural, inter-étnico ou inter-religioso. Os restantes galardões têm o valor de 50 mil euros cada, destinando-se a premiar pessoas ou instituições que tenham tido impacto assinalável numa destas áreas. O regulamento dos prémios (que vai vigorar por cinco anos) e o formulário de candidatura podem ser consultados em www.gulbenkian.pt. ■

JÚRI DOS PRÉMIOS GULBENKIAN

PRÉMIO INTERNACIONAL CALOUSTE GULBENKIAN

Presidente do Júri: Jorge Sampaio
Bronislaw Geremek
Fernando Henrique Cardoso
José Joaquim Gomes Canotilho
Sua Alteza Real, o príncipe Hassan Bin Talal
Vartan Gregorian

PRÉMIO GULBENKIAN ARTE

Presidente do Júri: João Marques Pinto
João Bénard da Costa
Jorge Calado
José Gil
Raquel Henriques da Silva

PRÉMIO GULBENKIAN BENEFICÊNCIA

Presidente do Júri: António Barreto
Alexandre Castro Caldas
Cristina Louro
Daniel Sampaio
D. Manuel Clemente

PRÉMIO GULBENKIAN CIÊNCIA

Presidente do Júri: Fernando Lopes da Silva
Alexandre Quintanilha
Manuel L. Nunes da Ponte
Augusto Barroso
Luís Magalhães
João Ferreira de Almeida
Jorge Gaspar
Jaime Reis
Luís Cabral

PRÉMIO GULBENKIAN EDUCAÇÃO

Presidente do Júri: Maria Helena da Rocha Pereira
Guilherme d'Oliveira Martins
João Filipe Queiró
Lídia Jorge
Vítor Aguiar e Silva



EM FILA POR AMADEO

Mais de 100 mil pessoas (100 117) visitaram a exposição *Amadeo de Souza-Cardoso. Diálogo de Vanguardas*, inaugurada a 14 de Novembro de 2006, tornando-a uma das mais visitadas de sempre. Um momento alto das comemorações dos 50 anos da Fundação e uma justa homenagem a um pintor que esteve sempre entre os maiores do seu tempo. No último fim-de-semana de exibição ao público – entre as 10h do dia 13 e as 24h do dia 14 de Janeiro de 2007 –, a Fundação manteve as portas abertas, ininterruptamente, para receber a última enchente de visitantes, de todas as idades e ocupações, que quiseram ver ou rever a obra de Amadeo. Esta mostra, comissariada por Helena de Freitas, decorreu meio século após a redescoberta e a apresentação historiográfica do artista em Portugal, por José-Augusto França, e assinalou também o centenário da sua partida para Paris. É nesta estada na capital francesa que Amadeo entra em contacto com grandes artistas da época e é com eles que integra as grandes mostras internacionais da altura. A exposição foi, aliás, pensada como um diálogo entre o trabalho do pintor e destes artistas seus contemporâneos, com os quais desenvolveu sinergias explícitas ou implícitas. Percorrendo a exposição, entre as 190 pinturas e desenhos de Amadeo, encontravam-se obras de Picasso, Brancusi, Modigliani, ou nomes como Malévitch, Sonia e Robert Delaunay, Kokoschka, Albert Gleizes, Alexej Jawlensky, August Macke e Olga Rozanova, num total de 36 artistas internacionais. Ao todo, 260 obras compuseram a moldura da exposição, vindas de vários museus e colecções particulares de todo o mundo, abrangendo o seu curto mas intenso período de produção, entre 1908 e 1918. *Amadeo de Souza-Cardoso. Diálogo de Vanguardas* contou com o alto patrocínio do Presidente da Comissão Europeia e o apoio exclusivo do banco BPI. ■

PAULA REGO

VANITAS

ENCOMENDA A PAULA REGO EXPOSTA NO CAMJAP

A sala de exposições temporárias do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão encheu-se para assistir, no dia 11 de Janeiro, à revelação do mais recente trabalho de Paula Rego: *Vanitas*, um tríptico encomendado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito das comemorações do cinquentenário da instituição. A obra de grandes dimensões, com um painel central (1,30 m por 1,20 m) e dois laterais (1,10 m por 1,30 m), teve como ponto de partida o conto de Almeida Faria, *Vanitas, 51 Avenue d'Iéna*, agora reeditado. Um texto escrito depois de uma estada na mansão parisiense de Calouste Gulbenkian e publicado na revista *Colóquio-Letras*. A apresentação do livro e do tríptico, com o toque e o mundo onírico inconfundível da pintora, foi apresentado por Jorge Silva Melo. Esta "Vaidade", por Paula Rego, pode ser apreciada até 25 de Março, na sala de exposições temporárias do CAMJAP (ver pág. 24). ■



Emílio Rui Vilar, Paula Rego e Almeida Faria.

CICLO NOBEL DO TRIBUTO À REFLEXÃO



Rolf Zinkernagel

Rolf M. Zinkernagel, Eric Kandel, Tim Hunt e Aaron Ciechanover foram os nomes em destaque no Ciclo Nobel que a Fundação Calouste Gulbenkian organizou em Janeiro. Com o objectivo de homenagear este conjunto de cientistas das áreas da Medicina e da Química, o Ciclo Nobel trouxe a Portugal as suas ideias e estudos, tão importantes para o progresso da humanidade. Rolf M. Zinkernagel inaugurou o Ciclo, a 10 de Janeiro. Zinkernagel, galardoado pela descoberta de como o sistema imunitário reconhece as células infectadas por vírus, defendeu a prevenção no combate à sida. O director do Institute of Experimental Immunology da Universidade de Zurique, falava sobre: “Porque não temos ainda uma vacina contra o HIV?”. A resposta, segundo Zinkernagel, está na resistência imunológica do vírus, difícil de contornar. “A criação de uma primeira vacina criaria variantes da sida, sendo necessário fazer vacinas para todas essas variantes e continuar a trabalhar intensamente”, pelo que, para já, frisou, “o melhor combate é investir na educação e na prevenção e em antivírus”. O prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia em 2000, Eric Kandel, professor na Universidade de Columbia, é apologista da “utilização de modelos animais no estudo das perturbações psiquiátricas”. Os ratos, explicou Kandel, tal como os humanos, têm sintomas de ansiedade, e é possível usá-los para estudar doenças mentais devido à evolução da genética molecular nos últimos anos. Apesar de as doenças psiquiátricas serem formadas por combinações de bases ambientais e genéticas múltiplas, a memória funcional pode ser modelada num rato e, em consequência, torna-se possível estudá-la, esclareceu. Eric Kandel, psiquiatra de formação, demonstrou como a eficácia das sinapses pode ser modificada e como as sinapses têm um papel central na aprendizagem e na memória. O único Nobel da Química (2004) na lista de convidados, Aaron Ciechanover, esteve no Museu de Serralves, no Porto, para dissertar sobre “O proteosoma e a morte celular”. O cientista criticou os governos e universidades que investem na investigação científica aplicada, “essencial para a concretização dos avanços científicos”, mas que não existe sem uma aposta prévia na investigação fundamental. Exemplo disto é o seu trabalho sobre a degradação das proteínas, que data dos anos 70, e que



Eric Kandel



só agora está a produzir os primeiros resultados na Medicina. A conferência “O controlo das transições do ciclo celular” de Tim Hunt, Prémio Nobel da Medicina em 2001, encerrou o Ciclo Nobel, no dia 24 de Janeiro. O bioquímico acredita que a descoberta da cura do cancro será uma das conquistas da próxima geração de investigadores. “Os mais jovens vão descobrir coisas simples e fantásticas. A má notícia é que vamos morrer antes de o saber”, porque “daqui a cem anos estamos todos mortos”, brincou. Tim Hunt, Leland H. Hartwell e Paul M. Nurse identificaram as substâncias-chave na regulação do ciclo celular, uma descoberta que não é suficiente para curar o cancro. Por isso, o objectivo de Hunt é, diz, “prosseguir o estudo para impedir o desenvolvimento de células como as cancerígenas”, fazendo “perguntas simples, constantemente”. ■



AO SERVIÇO DA SAÚDE COLÓQUIOS ANIMAM EXPOSIÇÃO

Cerca de 600 alunos do ensino secundário participaram no ciclo de colóquios organizado em torno da exposição *Ao Serviço da Saúde*, apresentada entre Dezembro e Janeiro e que assinalou o contributo da Fundação na área da saúde ao longo dos seus 50 anos de existência.

Carlos Calhaz-Jorge e Carlos Plancha abriram o ciclo, animando uma sessão dedicada à Medicina Reprodutiva, abordando questões como a infertilidade, doenças sexualmente transmissíveis e técnicas de reprodução medicamente assistida. Fernando Nobre foi o conferencista convidado para falar sobre as doenças da pobreza, baseando-se no que tem vindo a testemunhar, por todo o mundo, como médico da AMI. A vacinação e a importância das medidas preventivas no controle das pandemias, foi o tema da intervenção de Francisco George, da Direcção-Geral da Saúde.

A relação cada vez mais estreita entre Ambiente e Saúde e os efeitos que as alterações climáticas provocam na saúde foram os temas focadas no último colóquio, que teve lugar no dia 24 de Janeiro e que contou com as intervenções de Viriato Soromenho-Marques e José Manuel Calheiros. ■

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN CONCERTOS COMENTADOS

FEVEREIRO

2, SEXTA, 11H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Cristian Mandeal MAESTRO

Artur Pizarro PIANO

Rui Vieira Nery COMENTADOR

Grande Auditório

MIKHAÏL GLINKA

Abertura da ópera *Ruslan e Ludmilla*

PIOTR ÍLITCH TCHAIKOVSKY

Concerto para Piano N° 1, em Si bemol maior, op.23

Em meados do sec. XIX Glinka está à procura de um equilíbrio entre uma expressão musical tipicamente russa e a integração nas tendências gerais do gosto musical internacional. O mesmo sucede, anos mais tarde, com Tchaikovsky, que tenta ser em simultâneo um nacionalista e um artista sem fronteiras no coração do Romantismo musical europeu, ao mesmo tempo que dá largas a uma inspiração poética musical sem paralelo.

24, SÁBADO, 16H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster MAESTRO

António Rosado PIANO

Alexandre Delgado COMENTADOR

Grande Auditório

SERGEI RACHMANINOV

Concerto para Piano N° 3,

em Ré menor, op.30

Quando o mundo sentimental do Piano romântico parecia definitivamente fora de moda, Rachmaninov escreve um último grande Concerto na tradição virtuosística do século XIX, a mostrar bem todas as possibilidades técnicas e expressivas do instrumento numa linguagem emotiva contagiante.





ABRIL

13, SEXTA, 11H00 | 14, SÁBADO, 16H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Cristian Mandeal MAESTRO
Florian Zwiauer VIOLINO
Nabil Shehata CONTRABAIXO
Clélia Vital VIOLONCELO
Maria José Falcão VIOLONCELO
Rui Vieira Nery COMENTADOR
Grande Auditório

JULIUS KLENGEL

Concerto para dois Violoncelos, em Mi menor, op.45

GIOVANNI BOTTESINI

Grande duo concertante, para violino, contra baixo e orquestra

NINO ROTA

Divertimento concertante, para contra baixo e orquestra

Klengel e Bottesini eram grandes *virtuoses* que queriam mostrar bem nas suas obras todos os prodígios de técnica e de expressão que eram capazes de produzir nos seus instrumentos – o violoncelo e o contra baixo, respectivamente – à semelhança do que faziam Paganini no violino e Liszt no piano. Nino Rota, o mestre compositor dos filmes de Visconti e Fellini, prefere usar o contra baixo como um elemento de efeito humorístico e satírico.

MAIO

4, SEXTA, 11H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Jean-Claude Casadesus MAESTRO
Marie-Elisabeth Hecker VIOLINO
Catarina Molder COMENTADOR
Grande Auditório

DMITRI CHOSTAKOVITCH

Concerto para Violoncelo N° 1, em Mi bemol maior, op.107

MAURICE RAVEL

La Valse

Em 1920, Ravel evoca com nostalgia a magia do salão romântico do século anterior com esta homenagem carinhosa à Valsa vienense. Em 1959, o génio do violoncelista Mstislav Rostropovitch encoraja Chostakovitch a compor o seu primeiro concerto para violoncelo, tratando este instrumento como o equivalente a uma voz humana grave, ora poética ora apaixonada.

TRÊS PERGUNTAS A RUI VIEIRA NERY*

O ANO PASSADO FOI O ANO ZERO DO PROJECTO DESCOBRIR A MÚSICA – CONCERTOS COMENTADOS. ESTE ANO, OS CONCERTOS REGRESSAM AO GRANDE AUDITÓRIO PARA UM PÚBLICO MAIS ALARGADO QUE O DA TEMPORADA DE MÚSICA. QUER DIZER QUE A EXPERIÊNCIA RESULTOU E ESTE É UM PROJECTO PARA CONTINUAR?

Os concertos comentados têm provado que são uma fórmula de sucesso, tanto quando se dirigem ao público das escolas, nas manhãs de sexta-feira, como quando se destinam às famílias, aos sábados. Em ambos os casos, há um comentador que fala um pouco do contexto histórico em que as obras do programa foram compostas e que explica a sua estrutura, em diálogo com o maestro e apresentando exemplos tocados pela própria orquestra. Funciona como um mediador que “quebra o gelo” da situação formal do concerto e estabelece um diálogo natural entre os assistentes e os músicos que estão no palco.

QUAIS OS CRITÉRIOS QUE LEVARAM À ESCOLHA DESTES PROGRAMAS?

Por razões de conveniência prática que se compreendem facilmente, a escolha foi feita a partir dos programas que já estavam previstos na temporada da Orquestra Gulbenkian, de maneira a aproveitarmos o trabalho de ensaio e o maestro e solistas já contratados. Mas houve uma preocupação pela escolha de obras que fossem atractivas e acessíveis para um público não iniciado e que, ao mesmo tempo, dessem uma panorâmica variada das possibilidades e dos recursos da orquestra, em repertório de diversas épocas e escolas da História da Música.

CONSIDERA QUE OS CONCERTOS COMENTADOS SÃO UMA AJUDA PARA DESCOBRIR A MÚSICA?

Os concertos comentados são, em nossa opinião, uma oportunidade extraordinária para uma primeira descoberta da música, porque os espectadores sentem-se numa espécie de “visita guiada” em que são apoiados e acompanhados. De certa maneira, desaparece o medo do desconhecido e ganha-se coragem para arriscar um mergulho na aventura da Música erudita. Depois desse primeiro passo, é só uma questão de deixar funcionar a capacidade de sedução da própria música. ■

*director-adjunto do Serviço de Música

PORTUGAL E OS PORTUGUESES VISTOS PELOS IMIGRANTES

O seleccionador nacional, Luíz Felipe Scolari, foi um dos convidados do painel “Testemunhos sobre Portugal e os Portugueses” que a Fundação apresentou no dia 31 de Janeiro, no Auditório 2. Esta iniciativa teve como objectivo a mostrar *Portugal e os Portugueses vistos pelos Imigrantes*, dentro das actividades do Fórum Imigração, desenvolvido em parceria com o Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. O documentário inédito *Retratos*, de Luísa Homem (encomenda da Fundação), abriu o debate, a que se seguiu uma reflexão sobre “A visão dos media”, com Belén Rodrigo, presidente da Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (AIEP) e correspondente do jornal ABC, Peter Wise, dos jornais *Financial Times* e *The Economist* e Eduardo Guennes, do jornal *Comércio do Brasil*. O alto-comissário para as Imigrações e Minorias Étnicas, Rui Marques, moderou a discussão. No final do dia, Luíz Felipe Scolari e Ramon Font, ex-presidente da AIEP, deixaram as suas impressões sobre Portugal e os Portugueses, num painel moderado por António Vitorino, comissário do Fórum Gulbenkian Imigração.

A Conferência Internacional *Imigração: Oportunidade ou Ameaça?*, a 6 e 7 de Março, vai encerrar o Fórum Imigração, inserido nas comemorações do cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian. A realizadora de *Retratos*, Luísa Homem, descreve alguns dos momentos da preparação e realização do documentário:

ESTE FILME É UMA ENCOMENDA DA FUNDAÇÃO. COMO É QUE COMEÇOU A ESTRUTURAR A IDEIA DESTES DOCUMENTÁRIOS?

A encomenda feita pela Fundação consistiu na realização de um documentário de curta duração, para a abertura de um debate, no seio do Fórum Imigração, sobre o tema *Portugal e os Portugueses vistos pelos Imigrantes*. O primeiro objectivo da encomenda era dar voz aos imigrantes, garantindo a abertura de um debate em torno da visão dos mesmos. O segundo objectivo, creio eu, era através das visões captadas construir um discurso que problematizasse questões com vista a serem discutidas no debate. Naturalmente, o resultado de um documentário diz mais sobre a visão do realizador do que sobre a visão das pessoas filmadas, na medida em que a rodagem e depois a montagem são o resultado de uma abordagem, uma selecção, um olhar que se concretiza num filme.

Sendo que a rodagem, segundo a encomenda, devia decorrer em Lisboa, a abordagem partiu da ideia de quotidiano. O início da rodagem coincidiu com a minha mudança de casa para a Praça da Figueira, centro da cidade no qual o contacto com comunidades estrangeiras é recorrente e enriquecedor. Decidi não centrar o filme nesse factor pessoal; no entanto, a rodagem decorreu quase exclusivamente no centro da cidade. Os entrevistados são vizinhos, amigos, pessoas com quem nos cruzamos no quotidiano, são, antes de mais, pessoas com percursos e visões bastante diferentes, que procurei escutar e cuidar no momento da montagem.

A entrevista, apesar de ser um dispositivo limitado do ponto de vista cinematográfico, surgiu como o mais apropriado para a abertura de um debate no interior do qual se pretendia reunir visões de pessoas estrangeiras residentes em Portugal. De modo a tornar o filme mais fluido, fomos filmando a Baixa lisboeta, onde a convivência entre comunidades é notória e onde a ideia de quotidiano podia vislumbrar-se, filmámos também o contexto de algumas entrevistas de forma a poder introduzi-las com maior rigor.

PROCURA AQUI ABRIR O DEBATE SOBRE O TEMA PORTUGAL E OS PORTUGUESES VISTOS PELOS IMIGRANTES. É UMA PERSPECTIVA UM POUCO DESILUDIDA SOBRE O NOSSO PAÍS, QUE SE DIZ ACOLHEDOR. SOMOS OU NÃO UM POVO HOSPITALEIRO?

Não sei se somos um povo hospitaleiro. Sei que somos um povo com um passado colonial, o que ainda se reflecte na mentalidade de muitos portugueses. A rodagem foi bastante esclarecedora nesse sentido, não só através dos relatos, como através de reacções de transeuntes que resolviam comentar o interesse de filmar pessoas visivelmente de outras origens. Penso que os Portugueses se julgam um povo hospitaleiro, provavelmente o facto de carregarem algumas características do Sul e estarem inseridos num contexto europeu ajuda à criação dessa imagem de si mesmo. Mas, no final de contas, na realidade quotidiana de um imigrante pesam mais as opções políticas de um país, ou das organizações políticas a que pertence, como a União Europeia, do que as características culturais de um povo – que podem efectivamente facilitar, cuidar e respeitar a presença de pessoas de outras culturas. E a este propósito, parece-me evidente que a mobilidade e a hospitalidade entre pessoas de países

economicamente mais desenvolvidos é muito superior à que nestes países se mantém com os oriundos de países com economias menos desenvolvidas.

O DOCUMENTÁRIO REFLECTE MUITAS DAS RECLAMAÇÕES DOS IMIGRANTES, BUROCRACIA, RELAÇÕES DE TRABALHO, DISCRIMINAÇÃO, E POUCAS SÃO AS CARACTERÍSTICAS POSITIVAS ENUNCIADAS. ESPERAVA ENCONTRAR ALGO DIFERENTE?

Para a abertura de um debate no seio de um fórum sobre a imigração, pareceu-me mais importante apontar problemas ou características conflituosas do que sublinhar as qualidades de um povo ou de um país, ainda que me tenha esforçado para as incluir no filme. Talvez um filme de maior duração tivesse permitido maior justiça na imagem final com que se fica de Portugal e dos Portugueses.

SÃO TAMBÉM LEVANTADAS QUESTÕES MENOS DISCUTIDAS, COMO A CORRUPÇÃO PARA A OBTENÇÃO DE NACIONALIDADE, OU O CRESCIMENTO DE UMA GERAÇÃO MAIS REIVINDICATIVA, “MENOS HUMILDE”, E COM MAIS VONTADE DE “IR À LUTA”, GARANTE UM DOS ENTREVISTADOS. ESTAMOS ALHEIOS A ESTA REALIDADE?

Não “estamos alheios a essa realidade”, até porque os acontecimentos em França não permitem indiferença, nenhum país se quer sujeitar ao estado de guerrilha a que assistimos em Novembro de 2005. Mas quando o entrevistado em causa, o Primeiro G, em tom de gozo e com alguma ironia, diz que quem nasce e vive em Portugal, se não é português, deve ser astronauta, no fundo aponta para o absurdo de uma legislação que exclui e que fragiliza o sentimento de pertença, fundamental para uma boa integração. A geração por ele definida, como mais reivindicativa e “menos humilde”, é precisamente uma geração que se encontra na situação acima referida. E, perante o absurdo e a desigualdade, que resposta dar? As mudanças sociais e legislativas exigem tempo, mas não podemos esquecer que, durante esse período, temos gerações que vão perdendo a esperança e que, na ausência da mesma, a violência tende a crescer.

O QUE MAIS A IMPRESSIONOU NESTES TESTEMUNHOS?

Um dos factores que mais me impressionaram nos testemunhos foi defrontar-me com discursos reveladores de concorrência entre as diversas comunidades, que, face a problemas comuns, criam rivalidades em vez de união. Entendi, de resto, que a origem desta realidade está, em parte, no modo como a sociedade acolhedora diferencia o tratamento que dá a cada uma dessas comunidades, nos seus preconceitos. Outro factor impressionante foi observar discursos anti-imigração na boca de imigrantes, não pelo facto de se sentirem

integrados, mas por pensarem que a imigração deve ser pensada por turnos, agora estão cá uns, por tempo limitado, e a certa altura devem regressar para que outros possam tentar a sua sorte. Visão de quem conseguiu entrar na Europa, consciente de que no seu país de origem muitos pretendem imigrar e sem esperança de que uma melhor distribuição da riqueza a nível mundial seja feita sem ser através da imigração.

COREEN ELLEN BROWN, UMA CANADIANA A VIVER EM PORTUGAL, DIZ, POR EXEMPLO, QUE ESTE É UM BOM DESTINO PARA QUEM PROCURA QUALIDADE DE VIDA, NÃO PARA QUEM QUER SER MILIONÁRIO. SERÁ ESTA A PERCEPÇÃO DE QUEM PARA CÁ IMIGRA?

Penso que quem imigra para Portugal sabe que este não é o destino ideal para quem quer ser milionário, a não ser que já o seja. Para imigrantes europeus ou norte americanos, a qualidade de vida é frequentemente referida como o motivo de imigração. No caso dos imigrantes com maior dificuldade de mobilidade e de legalização na Europa, Portugal apresenta-se como um destino onde julgam ser mais fácil conseguir legalizar-se. Por outro lado, Portugal surge como um país com clima quente, no qual existem alguns apoios ao nível social e com um salário mínimo muitas vezes superior ao salário comum nos seus países de origem. Em muitos destes casos, as pessoas procuram apenas uma vida correcta, que lhes permita reunir algum dinheiro – seja para poderem voltar com melhores condições, seja para poderem prestar apoio à família que não imigrou.

QUANTOS DIAS DUROU A RODAGEM?

A rodagem durou cerca de 45 dias.

ESTE DOCUMENTÁRIO FOI FILMADO NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA. PENSA QUE REFLECTE O QUE SE PASSA NO RESTO DO PAÍS?

Lisboa, enquanto capital, recebe um número de imigrantes bastante superior às restantes cidades do país, em nada comparável ao número de imigrantes residentes no Porto, por exemplo. Este factor estatístico, acrescido do facto de Lisboa ser a capital, faz com que exista um maior número de estruturas preparadas para dar apoio a quem acaba de chegar ou a quem já cá reside, proporcionando uma maior união no interior das comunidades e a criação de associações. Do ponto de vista da integração e da aceitação por parte da sociedade acolhedora, o factor número acaba por exigir tolerância e habituação. Ou seja, penso que o filme, em parte, reflecte uma realidade nacional, mas que, provavelmente, entrevistas no Porto, em Coimbra ou em pleno Alentejo apontariam outros cenários com novos problemas e, por fim, uma imagem diferente de Portugal e dos Portugueses. ■



COMO O CINEMA ERA BELO

Chega ao fim, no dia 18, o ciclo de cinema comissariado por João Bénard da Costa, especialmente destinado a assinalar o cinquentenário da Fundação. Durante dez fins-de-semana, de Novembro a Fevereiro, o público encheu a sala do grande auditório para ver 50 filmes inesquecíveis no grande ecrã. Estes vão ser os últimos do ciclo realizado em colaboração com a Cinemateca Portuguesa; em Maio, o cinema voltará em português, com os filmes que a Fundação subsidiou e ajudou a divulgar.

10, SÁBADO, 15H30

L'ATALANTE | 1934

(A ATALANTE) DE JEAN VIGO

Com Michel Simon, Dita Parlo, Jean Dasté
François Truffaut escreveu sobre ele no seu livro *Os filmes da minha vida*: *Creio que l'Atalante é muitas vezes subestimado por tratar de um tema banal, um tema "particular", em oposição ao tema "geral" de Zero de Conduite. Na verdade, l'Atalante trata de um tema maior, daqueles que têm sido levados muitas vezes ao cinema: o nascimento da vida comum de um jovem casal, a sua dificuldade de adaptação, a euforia inicial da união (aquilo que Maupassant chamava "o brutal apetite físico que rapidamente se extingue"), as primeiras feridas, a «revolta, a fuga, a reconciliação e, no fim, a aceitação.*

10, SÁBADO, 18H30

ONLY ANGELS HAVE WINGS | 1939

(PARAÍSO INFERNAL) DE HOWARD HAWKS

Com Cary Grant, Jean Arthur, Thomas Mitchell, Rita Hayworth
O realizador Howard Hawks conta assim a origem da história do filme (citado por João Bénard da Costa no catálogo do ciclo):
Estava com um piloto de guerra mexicano. Andávamos a voar por cima do México, aterrávamos no mar; enfim,

divertíamos-nos imenso. Contou-me uma história maravilhosa que não pude pôr tal qual no filme. Um dia, fôra jantar com uma rapariga muito atraente, que estava casada há um ano com um tipo que tinha uma queimadura na cara e grandes olhos. Apareceu no jantar um gajo que começou a fazer um discurso: "Faz hoje um ano estávamos aqui todos a celebrar o vosso casamento. Pela uma da noite, puseram-nos a todos na rua. Vocês foram para a cama dois minutos depois. À uma e dez 'levantaram' e depois recomeçaram um bocado mais tarde!" Contou-lhe tintim por tintim toda a história da noite de núpcias dela. A rapariga ficou fula: "Meu filho da mãe, tu estiveste a espreita!" Ele respondeu-lhe que não, e puxou de um gráfico feito por umas máquinas alemãs que se podem aplicar aos aviões. Pelo gráfico, pode ficar a saber-se quando é que se ligou o motor, quando é que começaram os solavancos do arranque, quando é que se levantou voo. Ele tinha pendurado esse aparelho debaixo da cama deles. A rapariga pediu-lhe logo o gráfico e emoldurou-o para o pôr em casa. Ficou vaidosíssima. Foi desta história que tirei a minha história para Only Angels Have Wings.

10, SÁBADO, 21H30

LA RÈGLE DU JEU | 1939

(A REGRA DO JOGO) DE JEAN RENOIR

Com Marcel Dalio, Nora Gregor, Jean Renoir
Começou por ser um filme odiado, quase maldito, retirado da circulação com acusações de "desmoralizador" e é, hoje, um dos mais amados filmes dos cinéfilos de todo o mundo. Destruído o negativo original, aquando da ocupação nazi de Paris, em 1940, a restauração da película ficou a dever-se aos críticos dos *Cahiers du Cinéma*, especialmente a André Bazin, que o recuperou para o mundo. Um filme genial de Jean Renoir.



11, DOMINGO, 15H30

THE SCARLET EMPRESS | 1934

(A IMPERATRIZ VERMELHA) DE JOSEF VON STERNBERG

Com Marlene Dietrich, John Lodge, Louise Dresser, Sam Jaffe
A Rússia imperial do século XVIII recriada e reinventada por Josef von Sternberg. Uma imperatriz única e irrepetível, Catarina, a Grande, na representação de Marlene Dietrich, distante do seu Anjo Azul. Escreve João Bénard da Costa no catálogo produzido para este ciclo: *O fabuloso olhar de Marlene, nos grandes planos do final, é simultaneamente o máximo triunfo, a máxima posse e o máximo vazio. A cavalgada pelo palácio imperial, culminando no trono, é uma das mais poderosas imagens orgásticas que o cinema já nos deu.*

11, DOMINGO, 18H30

VIVRE SA VIE | 1962

(VIVER A SUA VIDA) DE JEAN LUC GODARD

Com Anna Karina, Sady Rebbot, Brice Parain
Depois de *Une femme est une femme*, Jean-Luc Godard prosseguiu o dueto iniciado com Anna Karina neste *Vivre sa vie*, filme composto por 12 quadros repletos de referências cinematográficas. As ruas desertas de Paris, o confronto da prostituta e do filósofo e, para sempre, a imagem inesquecível de Anna Karina, no preto e branco das lágrimas que lhe escorrem pelo belo rosto.

11, DOMINGO, 21H30

SENSO | 1954

(SENTIMENTO) DE LUCHINO VISCONTI

Com Alida Valli, Farley Granger, Massimo Girotti
O filme que marca a viragem na carreira de Visconti e que alguns consideraram uma traição ao neo-realismo. *Senso* é um enorme fresco operático sobre a paixão de uma aristocrata nacionalista por um soldado austríaco, na época da unificação de Itália (o Risorgimento). Como disse o realizador aos Cahiers du Cinéma:

Eu até pensava em intitular o filme “Custoza”, por causa da batalha onde a Itália obteve uma grande derrota. Mas houve protestos da produtora, a Lux, do ministério, da censura... A batalha, originalmente, tinha uma importância muito maior. Mas a ideia era usar a história como pano de fundo para o drama pessoal da condessa Serpieri, que, em última instância, nada mais era do que uma representante de uma certa classe social. O que me interessava era mesmo a história de uma guerra fracassada, uma guerra travada por uma classe social apenas, e que terminou em fiasco...

18, DOMINGO, 15H30

IVAN GROZNY | 1944-1958

(IVAN, O TERRÍVEL) DE S. M. EISENSTEIN

Com Nikolai Tcherkassov, Seraphina Birman, Mikhail Zarov
A obra-prima absoluta de Sergei Eisenstein que durante muito anos só se deu a conhecer através da primeira parte do filme. A segunda, proibida por Estaline, só seria apresentada aos europeus em Bruxelas, em 1958, na sequência do XX Congresso do Partido Comunista Russo. Um filme de rara beleza, para apreciar durante toda a tarde de domingo, dia 18, quase a fechar este ciclo de cinema.

18, DOMINGO, 21H30

THE NEW WORLD | 2005

(O NOVO MUNDO) DE TERENCE MALICK

Com Colin Farrell, Q'orianka Kilcher, Christopher Plummer, Christian Bale
A história de Pocahontas contada por um realizador invulgar. O autor de *A Barreira Invisível*, exibido também neste ciclo, decide recriar a história do mito fundador americano, o cruzamento da Europa com a América e o drama de amor da índia Pocahontas e do aventureiro John Smith. Um filme realizado por Terrence Malick em 2005 e que demonstra como o cinema pode continuar a ser belo. ■

PAISAGENS MÚLTIPLAS

CRUZ FILIPE

16 de Fevereiro a 8 de Abril

Sala de Exposições Temporárias da Sede – piso 01

Paisagens Múltiplas é uma exposição de cerca de 40 pinturas recentes que poderá ser vista a partir do dia 16 de Fevereiro, no piso 01 da Sede. O trabalho de Cruz Filipe notabilizou-se, desde os anos 60, quer pela utilização de uma técnica especial de representação, quer pelo aprofundar de um complexo pensamento visual. O artista sobrepõe ou justapõe fotografia e pintura, por um lado, e imagens de diferentes origens autorais e níveis discursivos, por outro. A técnica que o diferencia parte da impressão fotográfica da tela, retrabalhando a imagem através da cor e da pincelada. As representações que servem de matriz a essas imagens resultam de um trabalho de pesquisa prévio, realizado em numerosas fontes, e seu posterior recorte, associação e colagem, por semelhança e continuidade ou por diferença e descontinuidade.

As imagens finais são inesperadas, vertiginosas ou apaziguadoras. Mas as fontes eruditas (da pintura renascentista, maneirista e barroca), que determinavam a teatralidade da maioria das obras anteriores, estão agora como que escondidas sob cortinas de cena. Neste conjunto de pinturas predomina uma vontade de abstracção e afastamento de todo o motivo narrativo e uma simplificação dos recursos formais (composições claras), temáticos (a presença dominante da paisagem favorece a abstracção) e mesmo técnicos (redução da matéria pictórica sobre a matriz da tela foto-sensibilizada) que nos conduz à essencialidade do discurso poético do autor. A exposição é comissariada por João Pinharanda. ■



CARTIER 1899-1949 O PERCURSO DE UM ESTILO

Museu Calouste Gulbenkian
15 de Fevereiro a 29 de Abril de 2007

DESTAQUE

Calouste Sarkis Gulbenkian (1869-1955), pioneiro da indústria petrolífera e coleccionador de arte, reuniu ao longo da sua vida uma extensa colecção que se pode apreciar no museu da Fundação, em Lisboa.

Um dos núcleos da colecção mais celebrizados internacionalmente é o dedicado à obra de René Lalique, cujas jóias se encontram entre as primeiras aquisições de Calouste Gulbenkian. A joalharia francesa mereceu sempre grande interesse por parte do coleccionador, amante da beleza e da qualidade. Menos conhecidas do grande público são as aquisições que efectuou junto de outros joalheiros parisienses, nomeadamente Cartier, de quem foi cliente. Nas décadas de 1910 e de 1920 adquiriu um importante conjunto de jóias na linguagem mais arrojada da época, que se veio a afirmar como Art Déco. Para assinalar o cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu seleccionou junto da Colecção e Arquivos Cartier um conjunto de jóias, desenhos e moldes que, juntamente com as jóias pertencentes a Calouste Gulbenkian, permitem vislumbrar a evolução da joalharia, e das artes ornamentais em geral, na primeira metade do século XX. São comissários da exposição Nuno Vassallo e Silva e Maria Fernanda Passos Leite.

Das peças exibidas na exposição, destaque especial para as obras que reflectem a própria Colecção Gulbenkian. Podem encontrar-se jóias de inspiração egípcia, persa, indiana e chinesa, áreas que se encontram representadas em núcleos fundamentais das colecções do Museu. Não será difícil ao visitante estabelecer paralelos entre uma encadernação persa do século XVI e uma caixa de *toilette* da Cartier executada em 1924. Esta selecção estabelece um leque cronológico que corresponde, *grosso modo*, aos anos mais importantes das aquisições de Calouste Gulbenkian, o período entre



1899 e 1949, que simultaneamente corresponde à consolidação da produção Cartier. Percorre-se, assim, um período de tempo que abrange a joalharia da Belle Époque até às criações do pós-Guerra.

A exposição inicia-se com um conjunto de documentação sobre a história da Casa Cartier, onde se inclui o diploma de fornecedor da Casa Real Portuguesa. As 230 jóias, relógios e objectos apresentados são antecidos de algumas das encomendas de Calouste Gulbenkian. No final da exposição, num ambiente evocativo do espaço da oficina, pode ver-se um conjunto de desenhos de jóias que sublinham as principais etapas apresentadas na exposição.

O catálogo publicado por Skira Editore (Milão) e editado por João Carvalho Dias, para além de fichas de todas as obras expostas, da responsabilidade de Pascale Milhaud, apresenta os ensaios “Calouste Gulbenkian na Rue de la Paix”; “Cartier e Lalique, mestres de tradição e vanguarda”; “Cartier 1898-1920: a afirmação de um estilo”; “Exotismo nas jóias Cartier: a influência do Egipto, Pérsia, Índia e Extremo-Oriente”; “Mas por que diabo ir à Cartier?”; e “No tempo da *Café Society*”, da autoria dos comissários e ainda de Pierre Rainero, Judy Rudoe, Côme Remy e Thierry Coudert.

COLECÇÃO CARTIER

Em 1847, Cartier abriu a sua primeira loja de joalharia numa pequena oficina em Paris. Em 1899, depois de ter mudado várias vezes de instalações, Cartier transferiu a loja para a Rue de la Paix, a poucos passos da Place Vendôme, no centro da zona



mais elegante de Paris. Em 1902 Cartier criou uma sucursal da joalheria em Londres, a que se seguiu uma outra, em Nova Iorque, em 1909. Na viragem do século XX, influenciado pela Belle Époque, o nome de Cartier já tinha a sua fama estabelecida, graças a criações etéreas e fascinantes que as tornavam as jóias mais cobiçadas pela aristocracia europeia e pela próspera burguesia americana. Os clientes viajavam até um dos três santuários do bom gosto e da arte de bem viver para comprar as jóias, os relógios e os objectos preciosos em torno dos quais nasceu uma lenda.

Após a II Guerra Mundial, num clima de grandes mudanças políticas, sociais e económicas, Cartier sentiu a necessidade de emergir dos seus santuários e viajar por todo o mundo para oferecer as suas criações; e não foi por mero acaso que, durante esses anos, as lojas Cartier se começaram a espalhar pelos cinco continentes e que nasceu a primeira ideia de formar aquela que é a Coleção Cartier. Esta é uma coleção que nunca esteve permanentemente exposta, uma coleção que nunca se quis num museu, mas que foi feita para ser uma exposição itinerante de arte.

O tema é, mais uma vez, viajar. Viajar pelos continentes para mostrar os seus tesouros ao mundo, mas também viajar no tempo, até às raízes da Casa, que coincidem sobretudo com a história das artes decorativas europeias do século XX. Ao mesmo tempo criava a estrutura necessária para alargar a sua base de clientes – constituída, até então, por uma classe privilegiada restrita – a um público muito mais vasto, de homens e mulheres de gosto. A Casa Cartier comprou em leilões e a coleções privadas as obras-primas da sua própria produção histórica, criando assim um tesouro de peças suficientemente ricas e variadas para serem testemunhos de cada fase da sua evolução criativa ao longo dos 150 anos de existência.

Éric Nussbaum, responsável pelo início da Coleção, resumiu num pequeno texto a génese da Coleção Cartier, os objectivos desta e as razões da sua importância: “A primeira ideia de uma Coleção Cartier surgiu em 1973, quando o então presidente da Cartier Paris, Robert Hocq, comprou num leilão em Genebra o primeiro de seis relógios misteriosos de pêndulo: *Pórtico*, que fora



fabricado em 1923. Este relógio precioso fora originalmente adquirido por H. F. McCormick, marido da célebre cantora polaca Ganna Walska.

O relógio fazia parte de uma série de “milagres de relojoaria”, como eram denominados pela *Gazette du Bon Ton* em 1925: “Quase irreais, mas preciosos, estes relógios de pêndulo, que parecem saídos de um sonho, rodeados por raios de lua, revelam minuto após minuto o mistério do tempo...”

A compra desta peça, 50 anos após ter sido concebida, assinalava o início de uma coleção que iria passar

por uma evolução importante. Graças à riqueza documental da Casa Cartier, a Coleção tem sido constantemente valorizada, ano após ano, e representa hoje uma herança cultural e artística excepcional. Nos mais de 20 anos da sua existência, a Coleção reuniu uma vasta e ampla variedade de peças, que representam todos os aspectos da joalheria Cartier, nos seus 150 anos de existência. A Coleção Cartier permitiu a um vasto público internacional descobrir não só o equilíbrio entre a tradição e a inovação que distinguiu durante muito tempo a produção desta Casa, mas também a contínua e incessante evolução da criatividade Cartier, nos campos da joalheria e relojoaria e no campo muito criativo dos acessórios e outros objectos preciosos. A Coleção Cartier tem sido entusiasticamente recebida quando é exposta, revelando em cada caso uma face diferente ao seu público, como nas exposições no Petit Palais em Paris (1989-1990), no Museu Hermitage em São Petersburgo (1992), no Metropolitan Teien Museum em Tóquio (1995), na Fundação do Museu Hermitage em Lausana (1996), no Metropolitan Museum em Nova Iorque e no British Museum em Londres (em 1997-1998, para a comemoração do 150º aniversário da Cartier), no Museo del Palácio de Bellas Artes na Cidade do México (1999), no Field Museum of Natural History em Chicago (1999-2000) e no Shanghai Museum (2004). A exposição *Cartier Design viewed by Ettore Sottsass* passou pelo Vitra Design Museum em Berlim (2002), pelo Palazzo Reale em Milão (2002-2003), pelo Templo Daigoji em Quioto (2004), pelo Houston Museum of Art (2004-2005) e pelo National Museum em Singapura (2006). ■



George R. Lawrence, Vista de águia das ruínas de São Francisco tirada dum balão preso 600 pés acima da Rua Folsom, entre a Quinta e a Sexta Ruas, 5 Maio 1906
Cortesia da Scott Nichols Gallery, San Francisco

INGENUIDADES

FOTOGRAFIA E ENGENHARIA 1846-2006

POR JORGE CALADO

O ciclo vital das engenharias – criação, destruição, reciclagem – visto e contado através dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar.

Engenho é máquina ou artil; ingenuidade é a qualidade do que nasceu livre e nunca foi escravo. Aqui nasce a engenharia. **INGenuidades** combina o engenho e a arte da fotografia para mostrar o progresso técnico da humanidade.

No princípio era a terra, o oceano e a atmosfera e a luz do Sol e do fogo. Os elementos interagiram e evoluíram, e surgiu a vida. As espécies evoluíram, outras extinguiram-se, derrotadas pelas mais aptas ou pela estupidez necessária da espécie mais avançada (e última) – o *Homo sapiens*. Dominado o fogo, trabalhada a terra, utilizada a água e o ar, a engenharia podia emergir. Primeiro, regulada pelos números e pela imagem (geometria). São as Grandes Maravilhas. Depois, pela evolução das ciências – física, química, geologia, biologia, medicina... Engenharia é ciência aplicada. O cientista é mais livre que o engenheiro, mas o engenheiro é mais

INGenuidades
Fotografia e Engenharia 1846-2006
9 de Fevereiro a 29 de Abril de 2007
Sede da Fundação Calouste Gulbenkian
Projecto e Curadoria: Jorge Calado
Arquitectura: Teresa Nunes da Ponte



Jeff Carter, Latoeiro a trabalhar, Narrandera, New South Wales, 1955, Cortesia do artista

útil. A primeira engenharia a sair do sincretismo técnico foi a militar. O homem quer vencer o seu semelhante. Mais tarde apareceu a engenharia não-militar ou civil. Seguiram-se as engenharias mineira, mecânica, química, eléctrica... E depois outra e outras, com nomes cada vez mais misturados e sexy. Mas todas se reduzem às ciências aplicadas. E as ciências estão hoje todas misturadas. Só os quatro elementos se mantêm: terra, água, ar, fogo.

INGenuidades agrupa as várias engenharias segundo os quatro elementos. Fazer engenharia é controlar as forças da terra, da água, do ar e do fogo. Mas, às vezes, somos derrotados por elas. Nos terremotos, cheias e tsunamis; nos furacões, incêndios e erupções vulcânicas. De tudo isto se dá conta nesta exposição. O percurso é simples, mas a viagem é longa. Para variar, a viagem pode ser feita nos dois sentidos – do princípio para o fim e do fim para o princípio. O espaço é reversível, mas o tempo não. Temos o futuro à nossa frente. ■

* *Comissário da Exposição*

Richard Woldendorp, Floresta afogada, Lago Argyle, formado pela barragem do Rio Ord, em Kununurra, Kimberley, Austrália Ocidental, 1997, Cortesia do artista





Dean Sewell, *Árvore a Arder*, Cortesia do artista



E. Haas, *Vulcão Surtsey, perto da Islândia, 1965*
Cortesia do Herbert F. Johnson Museum of Art, Cornell University, Ithaca



Nick Moir, *Lagarto*, 2005, Cortesia do artista

PROGRAMA

VISITAS/CONVERSAS À HORA DO ALMOÇO PARA PÚBLICO CURIOSO:

15 FEVEREIRO, QUINTA, 13H00

*Arte e Documento: tensões, fronteiras
e zonas de contacto*
por Carla Mendes

22 FEVEREIRO, QUINTA, 13H00

*Arte, ciência e técnica: uma breve história
da fotografia*
por Sílvia Almeida

VISITAS/CONVERSAS AO FIM-DE-SEMANA PARA PÚBLICO CURIOSO:

10 FEVEREIRO, SÁBADO, 16H00

*Ingenuidades – das forças da natureza
ao espaço sideral*
por Jorge Calado

18 FEVEREIRO, DOMINGO, 10H30

*Ingenuidades – das forças da natureza
ao espaço sideral*
por Carlos Carrilho

18 FEVEREIRO, DOMINGO, 16H00

*Do engenho e à obra – o património das
engenharias*
por Maria Fernanda Rollo

25 FEVEREIRO, DOMINGO, 16H00

Ética e estética: documentar a tragédia
por Lígia Afonso

FUNDAÇÃO É PERSONALIDADE TURÍSTICA DE 2006

A Associação de Jornalistas Portugueses de Turismo distinguiu a Fundação Calouste Gulbenkian pela contribuição “para a boa imagem de Portugal e, consequentemente, para o reforço da capacidade de atracção turística”. O “Prémio Personalidade Turística do Ano” referente a 2006, foi entregue no dia 25 de Janeiro por Salvador Alves Dias, presidente da associação, ao presidente da Fundação Gulbenkian, Emílio Rui Vilar. Salvador Alves Dias justificou ainda a unanimidade da escolha: “as instalações da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, têm-se revelado um pólo de renovado interesse artístico, cultural e turístico, pelas iniciativas e espectáculos que regularmente ali decorrem. A referência à realização de um acontecimento na Gulbenkian é uma chancela de qualidade e de grande capacidade de atracção.” O presidente da associação elogiou também “pelo valioso acervo que reúnem”, o Museu Calouste Gulbenkian e o Centro de Arte Moderna. O Prémio “Personalidade Turística do Ano” é atribuído, por ocasião da Bolsa de Turismo de Lisboa, a uma entidade ou personalidade que se tenha destacado na dinamização do turismo português. A Fundação Gulbenkian sucede a João Lagos na lista de galardoados, um grupo que inclui, entre outros, António Mega Ferreira (1998), Dionísio Pestana (2000), a TAP (2001) e o Euro 2004. ■

FUNDAÇÃO FINANCIA RECUPERAÇÃO DE ARQUIVOS DO ULTRAMAR

A Fundação Calouste Gulbenkian assinou, com o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), um protocolo para a Reconstituição Virtual do extinto Arquivo do Ministério do Ultramar, hoje disperso por vários ministérios. Numa primeira fase, financiada em 100 mil euros, vão ser abrangidos os arquivos existentes no Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) e do Instituto Histórico Diplomático, ambos sob tutela do MNE. Este projecto surge como resposta ao apelo do historiador José Mattoso, que agora assume a sua coordenação científica. “A tarefa monstruosa, até agora considerada sem solução”, terá a participação de uma equipa organizada pela empresa BSAFE, constituída por oito arquivistas e especialistas de várias áreas, explicou José Mattoso. Entre o acervo disperso desde a extinção do Ministério do Ultramar, em 1974, encontram-se comunicações, cartas e outros documentos oficiais da antiga polícia política (PIDE), registos sobre os movimentos independentistas das ex-colónias portuguesas, obras públicas e levantamentos sobre os recursos territoriais. ■



FUNDAÇÕES PORTUGUESAS EM DIÁLOGO

A ctuar em áreas estratégicas onde o Estado menos intervém é o rumo a seguir, defendeu Emílio Rui Vilar, presidente do Centro Português de Fundações (CPF), na 9ª conferência anual do Centro. As mais de 100 fundações associadas do CPF devem, por isso, estar ao serviço do desenvolvimento do país, da educação, da ciência, da saúde e da inovação, apostando também em parcerias público-privadas, de acordo com as declarações do presidente do CPF. O encontro *Fundações, Ética e Cidadania* decorreu de 11 a 14 de Janeiro, com o apoio da Comissão Europeia, e promoveu, em paralelo, uma exposição para dar a conhecer ao público o trabalho feito. Com o objectivo principal de “proporcionar às fundações um espaço e um tempo de reflexão”, esta reunião

foi fértil no interconhecimento e pensamento sobre o papel da filantropia no mundo de hoje. Nela participaram o economista chileno Alfredo Sfeir-Younis, consultor do gabinete de directores do Banco Mundial, Gerry Salole, director executivo do Centro Europeu de Fundações (de que Rui Vilar é vice-presidente), Luc Tayart de Borms, director da Fundação Rei Balduíno (Bélgica), Mário Soares, Rui Machete, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, e Fernando Nobre, presidente da Fundação AMI, entre outros. ■

ARTE PORTUGUESA NA ÍNDIA

Por ocasião da visita do Presidente da República à Índia, a Fundação Calouste Gulbenkian mostrou, em Nova Deli, um conjunto de desenhos e uma escultura da colecção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Quatro artistas de diferentes gerações estiveram expostos no Indhira Gandhi National Centre for the Arts, entre 12 e 28 de Janeiro: Fernando Calhau (uma série de 2001), Jorge Martins (final dos anos 70 e anos 80), Pedro Proença (anos 90) e Bruno Pacheco (2003-2004) e uma escultura de Rui Chafes, de 2002. ■

BOLSA PARA A JOHNS HOPKINS

A Fundação Calouste Gulbenkian, através do Serviço Internacional, vai implementar um programa especial de bolsas de estudos para pós-doutoramento na área das Relações Transatlânticas Europa-EUA. Com a duração de três anos, o programa será desenvolvido no Center for Transatlantic Relations da School for Advanced International Studies da Johns Hopkins University. Podem candidatar-se investigadores de qualquer nacionalidade, sendo dada preferência aos países lusófonos e europeus. ■

MANUEL CASTELLS NA FUNDAÇÃO

Manuel Castells regressa à Fundação para proferir uma conferência sobre a sociedade em rede e o bem-estar das nações, no dia 16 de Fevereiro, às 11h00, no Auditório 3. A conferência antecede o lançamento da sua obra *A Sociedade da Informação e o Estado Providência. O modelo finlandês*. Trata-se da quinta obra de Castells publicada pela Fundação, depois da trilogia *A Era da Informação* e de *A Galáxia Internet*. Professor e investigador na Annenberg School of Communication da Universidade da Califórnia do Sul e na Universidade Aberta da Catalunha, Manuel Castells tem colaborado com equipas portuguesas de investigação na área das ciências sociais. O projecto *A Saúde na Era da Informação*, desenvolvido pelo CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho, e apoiado pelo Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano da Fundação, é o mais recente exemplo dessa colaboração. ■

UM LABORATÓRIO DE CULTURA ONLINE

A Fundação Calouste Gulbenkian associou-se ao projecto LabforCulture, uma plataforma de informação e de intercâmbio online, dedicada à cooperação cultural europeia. Este portal é uma ferramenta para gestores e operadores culturais, artistas e organizações, órgãos de investigação e financiadores de arte e cultura, ou simples curiosos. Disponibilizando um leque de informação cultural nas fronteiras da Europa, promove a investigação cultural e desenvolve, em paralelo, um conjunto de actividades. Exemplo desta dinâmica é o *workshop* que o LabforCulture organizou em cooperação com a Fundação, na sede em Lisboa, em Dezembro de 2006, sobre o tema *Cultural cooperation online in Europe: using online technologies to enhance artistic and cultural cooperation*. Além da Fundação Calouste Gulbenkian, esta plataforma de parcerias é ainda financiada e apoiada por muitas das mais destacadas organizações culturais europeias. O *website* pode ser visitado em www.labforculture.org. ■



CENTRE CULTUREL CALOUSTE GULBENKIAN

A Little more Blue

Um projecto de
Maria de Medeiros
avec la complicité de
Arthur Nauzyciel
avec
Maria de Medeiros, *actrice*
Pascal Salimou, *acteur*
Edmundo Carneiro, *percussionniste*
Emek Ecvli, *contrebasse*
Alban Sautour, *scénariste*
Bruno Robin, *lumière*
Carlos Torres, *scénariste*

Production
©2006 - Théâtre de Lutèce, Centre Dramatique National (coproduction ©2006) / Arthur Nauzyciel avec le soutien
du Ministère de la Culture et de la Communication - CNRS, Centre de Recherche en Linguistique de Montréal
La tournée a été faite le 12 octobre 2006 au CDG - Théâtre de Lutèce, Centre Dramatique National

11, rue de Lutèce - 75004 PARIS - Tél. 01 47 33 13 13
E-mail: calouste@calouste.org - www.calouste.org

FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

AS ESCOLHAS DE MARIA DE MEDEIROS

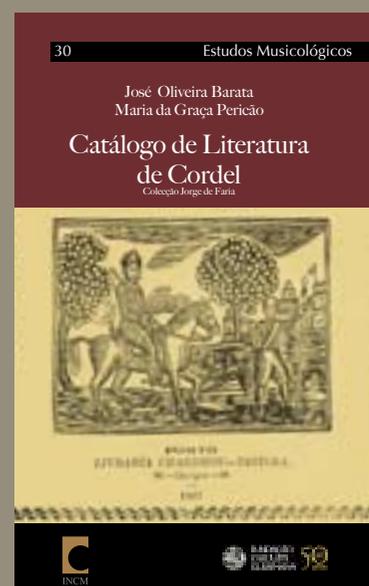
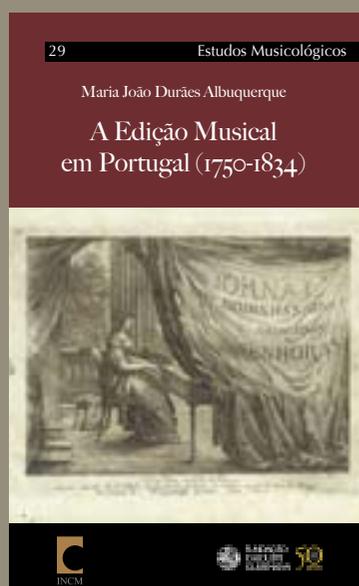
Nos dias 19, 20 e 21 de Janeiro, a programação do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, em Paris, teve o gosto de Maria de Medeiros. A actriz e realizadora organizou a programação do fim-de-semana, seleccionando oito espectáculos de música, teatro, leituras e pintura por artistas, na sua maioria jovens, de Portugal e de França. Nestas sessões, o número 51 da Avenue d'Iéna esteve lotado. Maria de Medeiros participou directamente no espectáculo *A Little More Blue* (interpretou essencialmente música de autores brasileiros), na leitura de um texto de Álvaro Zuñiga *Lecture d'un texte pour le théâtre*, com o actor William Nadylam. Foi também exibido o filme *A Morte do Príncipe*, baseado em excertos da obra de Fernando Pessoa, realizado e interpretado pela actriz. ■

CENTRO CULTURAL DE PARIS PUBLICA LE MONDE COMO IL VA

Le *Printemps du politique*, de Michel Wievorka, e *La Longue marche des arméniens*, de Laurence Ritter, são os dois primeiros títulos da colecção *Le Monde comme il va* (edição Robert Laffont), publicada pelo Centro Cultural Calouste Gulbenkian em Paris, em colaboração com o Serviço de Ciência e o Serviço das Comunidades Arménias da Fundação Gulbenkian. As duas obras foram apresentadas no Centro Cultural, a 9 de Janeiro. Além dos autores, no lançamento participaram também Alain Touraine, director de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, fundador e membro do Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques, Nilüfer Göle, directora de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Pasquale Pasquino, director de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique, Simonetta Tabboni, membro do Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques e João Caraça, director do Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian. A apresentação dos livros motivou ainda um debate sobre o tema *La Politique au printemps*, orientado por Pascal Perrineau, director do Centre de Recherches Politiques de Sciences Po. ■

ESTUDOS MUSICOLÓGICOS: DOIS NOVOS NÚMEROS

Os dois primeiros números da colecção *Estudos Musicológicos* já estão editados, numa iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e da Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Iniciada pelo serviço de Música da Fundação em 1959, esta colecção conta agora com 30 volumes, entre ensaios históricos e analíticos e catálogos de arquivos e bibliotecas musicais. Os novos números desta colecção são: *Um Catálogo de Literatura de Cordel*, da autoria de José Oliveira Barata e Maria da Graça Pericão, e um ensaio sobre a *Edição Musical em Portugal (1750-1834)*, de Maria João Durães Albuquerque, com prefácio de Rui Vieira Nery. ■



BIBLIOTECAS ESCOLARES E CENTROS DE RECURSOS 2007 ABERTURA DE CONCURSO

No âmbito do Programa Gulbenkian de Língua Portuguesa, está aberto o Concurso de Apoio a Bibliotecas Escolares/ Centro de Recursos – 2007. As candidaturas devem ser entregues até 5 de Março de 2007.

Este concurso visa apoiar projectos de criação, actualização e dinamização de bibliotecas escolares/centros de recursos, com o objectivo de promover a leitura autónoma e a leitura na sala de aula, desenvolver competências em diferentes áreas e reforçar ou renovar o acervo documental. Podem concorrer as Escolas e Agrupamentos nas áreas da Direcção Regional de Educação de Lisboa e da Direcção Regional de Educação do Algarve.

As propostas poderão ser apresentadas por:

- Escolas do Ensino Secundário
- Escolas dos 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico
- Agrupamentos de Escolas
- Jardins de Infância

O Regulamento e respectivos anexos encontram-se disponíveis no site da Fundação:

<http://www.gulbenkian.pt/v1/attachs/Regulamento%20200717287844.pdf> ■

UM VERDADEIRO LABORATÓRIO SOCIAL

Nome: Cláudia Abreu Lopes*

Idade: 30 anos

Área: Psicologia



PORQUE ESCOLHEU LONDRES PARA O SEU DOUTORAMENTO?

Cheguei à London School of Economics (LSE), em Setembro de 2005, como investigadora visitante e com o intuito de desenvolver competências de investigação para a minha valorização profissional. Tinha iniciado a carreira académica seis anos antes como assistente estagiária e, mais tarde, fui assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, após ter concluído a licenciatura em Psicologia na mesma Faculdade. Durante estes anos colaborei em actividades de investigação, sob a orientação do Professor Doutor Valentim Alferes, no Núcleo de Investigação e Intervenção em Psicologia Social, das quais resultou a dissertação de mestrado em Psicologia Social que apresentei à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, em 2003. Pensando na próxima etapa que se seguiria, que seria o doutoramento, dediquei os anos posteriores à minha preparação científica, tendo frequentado escolas de Verão em métodos de investigação e estatística, nas quais se inclui uma estadia de dois meses no Institute of Social Research da Universidade do Michigan.

A experiência no Institute of Social Psychology da LSE, no ano lectivo 2005-06, foi muito gratificante, pois encontrei um ambiente estimulante e descontraído, no seio de uma equipa que aposta na interdisciplinaridade das ciências sociais. O que mais me fascinou nesta instituição, para além da qualidade do ensino e da investigação, foi a sua ligação a organizações internacionais de âmbito político, social e financeiro e o estudo dos problemas sociais da actualidade, um verdadeiro laboratório social. Decidi dar continuidade ao projecto de investigação que tinha proposto na LSE e candidatei-me ao programa PhD Social Research and Methodology, iniciado em Outubro de 2006. O facto de a LSE estar localizada no coração de Londres tem as suas vantagens, pois fica a uma curta distância de centros culturais relevantes, embora não tenha sido este o factor que mais pesou na minha decisão.

O SEU TRABALHO CRUZA VÁRIAS ÁREAS...

O trabalho de investigação em que me encontro envolvida situa-se na intersecção de várias disciplinas científicas, nomeadamente Estatística, Psicologia, Sociologia e Economia, tendo uma orientação fundamentalmente aplicada. Dito de uma forma parcimoniosa, estou a desenvolver um modelo estatístico que permite explicar o endividamento dos consumidores numa perspectiva transnacional, tendo em conta a realidade económica, social e cultural dos países considerados. Para isso, tenho beneficiado da colaboração em projectos e actividades de âmbito internacional, promovidos pelo Observatório do Endividamento dos Consumidores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Neste momento, estou a trabalhar com amostras representativas de 24 países europeus e pretendo complementar o estudo, numa fase posterior, com informação relativa aos EUA e ao Brasil. Espero que o meu estudo possa dar um contributo para a compreensão de comportamentos e decisões financeiras de consumidores com aplicabilidade ao campo económico e político.

E DEPOIS DO DOUTORAMENTO?

Quando concluir o doutoramento na LSE, os meus planos passam por voltar para Portugal, para prosseguir a carreira académica que iniciei na Universidade de Coimbra. Pretendo continuar a desenvolver estudos nesta área, tentando conciliar a actividade docente com outras experiências em centros de investigação de referência, talvez um pós-doutoramento na Universidade das Nações Unidas. ■

** bolseira do Serviço de Educação e Bolsas a frequentar Doutoramento na London School of Economics and Political Science*

A SABEDORIA DO SABER RECEBER

Nome: Marcos Barbosa *

Idade: 33 anos

Área: Teatro



QUAL FOI O SEU PERCURSO PROFISSIONAL ATÉ RESOLVER RUMAR AO MÉXICO?

Em 1999 fundei o .lilástico, companhia de teatro que se dedica sobretudo à criação dramaturgica em língua portuguesa e à tradução de peças de autores estrangeiros nossos contemporâneos.

No .lilástico encenei cinco textos de Jacinto Lucas Pires, autor que com a cenógrafa Sara Amado constitui o “núcleo duro” da companhia, uma peça de José Tolentino Mendonça, outra de David Mamet e duas de Will Eno. Comecei também a trabalhar com outros grupos, sobretudo fora de Portugal, e a partir da apresentação lilástica de *Variações sobre os Patos*, de David Mamet, em Monterrey. Enceno regularmente grupos independentes mexicanos e dou cursos a actores e estudantes de teatro.

O sucesso de uma dessas encenações num festival em Monterrey, *Pervertimento*, de Sanchis Sinisterra, levou a que a peça fizesse uma *tournee* pelo México que incluiu uma apresentação no Centro Cultural Helénico, começando assim a minha relação com este teatro.

Em Dezembro passado encenei a minha primeira ópera, *Così Fan Tutte*, de Mozart, com direcção musical do maestro António Saiote, com récitas em Vila Real, Aveiro, Porto e Vila Nova de Famalicão.

QUE TRABALHO DESENVOLVE NO CENTRO CULTURAL HELÉNICO?

Neste momento estamos a fazer um trabalho de pesquisa dramaturgica que tem como objectivo fazer um paralelo dramático, histórico e etnográfico entre a personagem do Rei Lear e a realidade actual dos grandes proprietários do Nordeste mexicano. Este processo culminará com a criação de uma peça que se chamará “Reyes”, encenada por mim e escrita por Luis Mario Moncada. O Centro Cultural Helénico tem sido nos últimos anos, especialmente desde que é dirigido por Luis Mario Moncada, o ponto de referência da nova criação teatral mexicana, e também a porta

de entrada no México das novas dramaturgias internacionais, por isso, a segunda vertente do projecto é criar uma estrutura de produção teatral que possibilite este intercâmbio de criadores e, ao mesmo tempo, facilite a internacionalização das criações. Utilizando um pouco a sabedoria do “saber receber” deste teatro, queremos que, durante este processo de criação, se estruturarem os mecanismos necessários ao aparecimento de uma companhia internacional, a trabalhar por projectos específicos. Ao mesmo tempo, será feito um documentário em vídeo de todo o processo de criação.

PROJECTOS FUTUROS...

Em finais de 2007 encenarei uma nova ópera, provavelmente algo mais moderno, novamente com a direcção musical de António Saiote e com a colaboração de António Salgado na direcção artística. Encenarei também antes do final do ano uma nova peça do .lilástico, numa nova tradução de um texto contemporâneo. ■

* bolseiro do Serviço de Belas-Artes a estagiar no Centro Cultural Helénico da Cidade do México



VANITAS PAULA REGO

Contradição, irreverência e algum desalento. O rosto e os braços cruzados da figura isolada ao centro do tríptico dizem tudo isso e ainda o desafio a quem pinta, retrata e, desse modo, se apropria de uma personagem que se quer indomável.

De um lado e do outro, algumas verdades sobre ela se revelam: o cansaço puro e simples ou a dureza radical da expressão num contexto alegórico sumário, mas inequívoco. *Memento morii!* Inebriados, festivos, musicais, lúdicos, teatrais, violentos, patéticos, a todos nós, seres humanos, nos espera um encontro irremediável com a Grande Foice (ou Mondadeira) final. Proliferam então as imagens mais frequentes em qualquer *Vanitas*, como as caveiras, por entre a parafernália de objectos que uma vulgar natureza-morta, e ainda um quarto de brinquedos ou os bastidores de um teatro, nos poderiam propor.

É esta a matriz do trabalho de Paula Rego: preencher cada prega de tecido com um valor cenográfico maximizado, cada olhar com a afronta possível, cada objecto com uma remissão a memórias de infância longínquas e perturbadas, cada narrativa imaginária com irresistível sarcasmo.

Não há tempo anterior e posterior nesta sequência, mas sim a atemporalidade própria do sono e da ficção. A morte é feia e espreita-nos mesmo quando rimos. Felizmente, por vezes, adormece durante largos períodos. É já noite dentro quando, no espaço quase vazio duma grande mansão, o sr. Gulbenkian conversa com um(a) artista, hóspede único e arrancado ao sono, sobre o seu amor à arte e aos museus e sobre os seus caprichos e escolhas de colecionador.

“Terão os astros enviado o reconstrutor desta casa só para me forçar a meditar sobre a *vanitas* inerente a toda a arte?” – interroga-se, no final, o narrador personagem deste conto. Passando por referências a pinturas da sua

coleção, de Fantin-Latour a Ghirlandaio, Rubens, Velásquez, Rembrandt, Renoir, entre outros, a meditação do colecionador insistira de facto na força viva das “naturezas-mortas”, na capacidade que tem a arte de superar a “face repelente, a bestialidade, a morte”, o terror ou a fealdade que a natureza pode ter, no culto que dedicou ao feminino e que muitos dos quadros adquiridos denunciam, na sua frustração em nunca ter adquirido um Whistler, tal como a de “nunca ter conseguido nem uma daquelas misteriosas naturezas-mortas designadas por *Vanitas*...”

Ei-la então: *Vanitas, 51, Avenue d'Iéna* é o título do conto de Almeida Faria e *Vanitas* o do tríptico de Paula Rego, que a ele se refere.

Do encontro marcado com a arte na mansão parisiense do sr. Gulbenkian emergem texto e imagens num plano que se encena como próximo do onírico, mas se preenche com muito concretas digressões sobre os objectos que “vivem na alma do colecionador” tal como ela “permanece viva nos seus objectos”. Dará esta simbiose o poder da redenção a quem faz tão seus os imperativos da vaidade e da propriedade?

Pelo tríptico de Paula Rego passa esse pressentimento de que o mundo é um sonho ruim, mesmo no fausto; um mundo enfeitado e disfarçado pelo que nos distrai, mas cruelmente óbvio nos sinais que nos dá a ler. ■

Leonor Nazaré

Paula Rego

Vanitas, 2006

Tríptico

Pastel sobre papel sobre alumínio

Painel da esquerda: 110 x 130 cm

Painel do centro: 130 x 120 cm

Painel da direita: 110 x 130 cm

Nº inv.: 06P1372

L'ÉVENTAIL

No dia 14 de Abril de 1900 inaugurava-se em Paris mais uma Exposição Universal. A centúria de Oitocentos cedia lugar ao novo século, com pompa e circunstância, num evento onde se exibiam os progressos tecnológicos que o desenvolvimento industrial vinha permitindo desde final do século XVIII. Viviam-se os anos da usualmente designada “Belle Époque”, período temporal que mediou entre o final do conflito franco-prussiano, em 1870, e o deflagrar da I Guerra, em 1914, e que ficou marcado por um sentimento geral contraditório. Por um lado, o conjunto significativo de melhoramentos materiais introduzidos no quotidiano das populações e as rápidas mudanças sociais, económicas e políticas sentidas em muitas das nações do continente europeu e Estados Unidos, originaram olhares otimistas sobre o presente e confiança no futuro; por outro, a industrialização acelerada originou um mal-estar e uma inquietação crescentes perante desigualdades que se tornavam cada vez mais gritantes. A prosperidade económica e o progresso material destes anos coincidiram igualmente com a afirmação do nacionalismo nos discursos políticos de nações como a Inglaterra, a Alemanha, a França e a Bélgica, que se afirmaram também como potências coloniais.

A corrente artística que porventura melhor expressou o espírito da Belle Époque foi a Arte Nova, cujas primeiras criações datam de cerca de 1884. Surgida do desejo de criar um novo estilo de arte como reacção ao historicismo dominante, a Arte Nova – Art Nouveau, Modern Style, Jugendstil, Sezessionstil, Stile Liberty, Tiffany Style, são algumas das suas designações nos diversos países aonde se manifestou – caracterizou-se pela utilização no seu reportório decorativo de linhas sinuosas e assimétricas, baseadas nas formas orgânicas da Natureza. Um dos promotores do novo movimento artístico foi o francês Octave Uzanne (1852-1931). Personagem praticamente esquecida, Uzanne foi editor, bibliófilo e co-fundador da Société des bibliophiles contemporains, escritor e crítico reputado no seu tempo. A ele se devem algumas obras que constituem belos exemplos da estética deste período no campo da arte do livro. *L'Éventail*, editado em Paris em 1882, é um deles: profusamente ilustrado por Paul Avril (1843-1928) – autor de ilustrações para as obras *Le Pêche vénien*, de Balzac, e *Salambô*, de Flaubert, por



exemplo –, é um estudo dedicado a um dos mais antigos acessórios do universo feminino, o leque. Aliás, Uzanne dedicou a este universo vários outros títulos. Calouste Gulbenkian demonstrou pelas formas da Arte Nova um particular apreço, traduzido tanto na colecção de jóias da autoria de René Lalique, como num conjunto de livros onde se incluía *L'Éventail*, que hoje integra o acervo da Biblioteca de Arte. ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP L' éventail/ Octave Uzanne; Paul Avril

PUBLICAÇÃO Paris : A. Quantin, 1882

DESCR. FÍSIC 143 p. : il. color., 1 gravura ; 27 cm

NOTAS Encadernação em marroquim verde-escuro, 5 nervos, autor e tit. na 2ª casa; contracapas em seda com dois desenhos diferentes, moldura em pele com 7 frisos dourados, guardas em seda vermelha com motivos estrelares nos cantos e motivo geométrico central. Obra profusamente ilustrada com gravuras, cercaduras e vinhetas ao longo do texto.

PROVENIÊNCIA Colecção Calouste Gulbenkian – Documentação

COTA(S) LT 85 RES

MESA SECRETÁRIA

MARTIN CARLIN

Este móvel reúne todos os elementos que o tornam uma obra emblemática da sua época – leveza, elegância, luxo requintado, exotismo, sofisticação e riqueza de materiais.

De tampo rectangular e cantos cortados, esta mesa de linhas direitas, ao gosto Luís XVI, apresenta ainda um remate contracurvado nas quatro faces da cintura, realçado por acantos e volutas de bronze dourado de fina cinzelagem. As pernas afiladas, de secção oitavada, com caneluras, terminam em pés calçados de bronze, decorados com folhas de acanto e assentes em pequenas rodas.

A sua estrutura em carvalho é folheada e marchetada a sicómoro, pau-cetim, ébano e buxo, mas a característica mais interessante é, sem dúvida, a sua decoração com placas de porcelana de Sèvres, enquadradas por elementos decorativos e filetes de bronze dourado. São várias as placas de porcelana, destacando-se a do tampo, de forma oval, assinada e datada “Dodin 1771”.

Esta placa reproduz uma gravura de René Gaillard, *La Diseuse de bonne aventure russienne*, onde podemos observar uma cena de interior, em que uma jovem mostra a sua mão a uma quiromante sob o olhar atento de três personagens, destacando-se a figura masculina da direita, de feições e trajas orientais.

De origem alemã, Martin Carlin ruma a Paris, como muitos ebanistas seus compatriotas, e aí se instala como operário. Mais tarde, trabalha na oficina de Jean François Oeben e, em 1766, alcança o grau de mestre. A sua obra caracteriza-se pelo elegante equilíbrio das formas aliado a uma exímia qualidade de execução. Estes pequenos móveis decorados com placas de porcelana foram uma das tipologias em que mais se especializou e notabilizou. Martin Carlin foi, certamente, um dos mestres que mais contribuíram para a afirmação da ebanisteria francesa do séc. XVIII.

A proveniência desta mesa é um pouco controversa. Pensa-se que terá sido executada para os aposentos de Madame Du Barry, em Versalhes. Mais tarde terá pertencido a Maria Antonieta, que, eventualmente, a ofereceu a sua irmã, rainha Maria Carolina de Nápoles. ■ Clara Serra



Mesa Secretária

Paris, c. 1772

Estampilhada: Martin Carlin

Carvalho, sicómoro, pau-cetim, ébano e buxo; latão;

Placas de porcelana de Sèvres; bronzes cinzelados e dourados; veludo

73 x 67 x 39 cm

Proveniência: Palácio de Versalhes (aposentos de Madame Du Barry); Maria Antonieta, rainha de França; Maria Carolina, rainha de Nápoles. Adquirida na casa Stibel & Cie., em Paris, em Dezembro de 1935.

Nº inv.: 2267

AGENDA

FEVEREIRO

COMO O CINEMA ERA BELO

50 FILMES INESQUECÍVEIS

Integrado nas Comemorações do Cinquentenário da Fundação e em colaboração com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, este Ciclo de Cinema apresenta 50 filmes, numa escolha de João Bénard da Costa. Uma mostra que assinala também a contribuição da Fundação, entre 1973 e 1990, para a divulgação do cinema através da organização de Ciclos, com obras clássicas, que marcaram uma época na formação dos gostos e na cultura cinematográfica em Portugal. Este ciclo é acompanhado por um catálogo.

Grande Auditório | €2,50

10, SÁBADO, 15H30

L'ATALANTE | 1934

(A ATALANTE)

DE JEAN VIGO

Com Michel Simon, Dita Parlo, Jean Dasté

10, SÁBADO, 18H30

ONLY ANGELS HAVE WINGS | 1939

(PARAÍSO INFERNAL)

DE HOWARD HAWKS

Com Cary Grant, Jean Arthur, Thomas Mitchell, Rita Hayworth

10, SÁBADO, 21H30

LA RÈGLE DU JEU | 1939

(A REGRA DO JOGO)

DE JEAN RENOIR

Com Marcel Dalio, Nora Gregor, Jean Renoir

11, DOMINGO, 15H30

THE SCARLET EMPRESS | 1934

(A IMPERATRIZ VERMELHA)

DE JOSEF VON STERNBERG

Com Marlene Dietrich, John Lodge, Louise Dresser, Sam Jaffe

11, DOMINGO, 18H30

VIVRE SA VIE | 1962

(VIVER A SUA VIDA)

DE JEAN LUC GODARD

Com Anna Karina, Sady Rebbot, Brice Parain

11, DOMINGO, 21H30

SENSO | 1954

(SENTIMENTO)

DE LUCHINO VISCONTI

Com Alida Valli, Farley Granger, Massimo Girotti

18, DOMINGO, 15H30

IVAN GROZNY | 1944-1958

(IVAN, O TERRÍVEL)

DE S. M. EISENSTEIN

Com Nikolai Tcherkassov, Seraphina Birman, Mikhail Zarov

18, DOMINGO, 21H30

THE NEW WORLD | 2005

(O NOVO MUNDO)

DE TERRENCE MALICK

Com Colin Farrell, O'rianka Kilcher, Christopher Plummer, Christian Bale

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, das 10h00 às 18h00
[encerradas às segundas-feiras]

As visitas guiadas para turistas no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e para grupos [mínimo 10 e máximo 20 pessoas] requerem marcação prévia para o tel. 21 782 36 20 [€60 por grupo em língua estrangeira e €50 por grupo nacional].

15 FEVEREIRO A 29 ABRIL

CARTIER 1899-1949

O PERCURSO DE UM ESTILO

A exposição reúne um conjunto excepcional de 230 jóias, relógios e objectos da Coleção Cartier, bem como algumas das aquisições de Calouste Gulbenkian, pertencentes à Fundação. São ainda expostos desenhos originais – alguns dos quais associados ao colecionador –, moldagens e diversa documentação. Organizada pelo Museu Calouste Gulbenkian em colaboração com a Coleção Cartier e a editora Skira que publica o catálogo, esta iniciativa integra-se nas comemorações do 50º aniversário da Fundação Calouste Gulbenkian. As visitas são gratuitas e não necessitam de marcação prévia. Para grupos, contactar o Serviço Educativo.

Visitas guiadas: a partir de 22 de Fevereiro, todas as terças e quintas-feiras às 15h00, até ao final da exposição.

Sala de Exposições Temporárias do Museu

9 FEVEREIRO A 29 ABRIL

INGENUIDADES

FOTOGRAFIA E ENGENHARIA

A exposição INGENUIDADES, comissariada por Jorge Calado, pretende ilustrar o nascimento e a evolução da engenharia, através de uma mostra de obras-primas da história da fotografia, de 1845 a 2005. Reúne cerca de duzentas e cinquenta fotografias de colecionadores privados, galerias, museus (Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa; San Francisco Museum of Modern Art; Victoria and Albert Museum, National Gallery of Australia, Art Gallery of New South Wales, entre outros) e de artistas-fotógrafos de várias nacionalidades.

Sala de Exposições Temporárias, Sede da FCG

€3,00



16 FEVEREIRO A 8 ABRIL

PAISAGENS MULTIPLAS

CRUZ FILIPE

Nascido em Lisboa, em 1934, Cruz Filipe iniciou a sua actividade como pintor em 1955. A sua obra está representada em numerosas colecções institucionais e particulares, com destaque para o Centro de Arte Moderna, o Museu de Arte Contemporânea, o Museu de Serralves e o Museu Nacional de Amarante, entre outros. No seu trabalho, o artista utiliza como suporte imagens fotográficas impressas em tela, sobre as quais pinta. Visita guiada: 17, sábado, às 15h00, por Lígia Afonso

Piso 01 da Sede da FCG

€3,00

AINDA PODE VER...

ATÉ 25 MARÇO

PAULA REGO

VANITAS, 2006 (TRÍPTICO)

Obra encomendada no âmbito das comemorações do quinquagésimo aniversário da Fundação.

Visita guiada: 3, Sábado, às 15h00 por Ana João Romana
Sala de Exposições Temporárias do CAMJAP



ATÉ 22 ABRIL

CONVOCAÇÃO I E II

(MODO MENOR E MODO MAIOR)

OBRAS NA COLECÇÃO DO CAMJAP

FERNANDO CALHAU

Uma reavistação da obra de Fernando Calhau, artista cujo percurso singular, em constante e persistente diálogo com o minimalismo e a arte conceptual, se constitui como caso único no panorama artístico português do século XX.

O pretexto é a extensa e importante doação que a viúva do artista, Cândida Calhau, fez à Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição foca sobretudo a vasta produção de desenho e de gravura de Fernando Calhau, em grande parte inédita, bem como alguma pintura nunca ou raramente vista, e ainda conjuntos escultóricos de grandes dimensões.

CAMIAP, Piso 1



ATÉ 29 ABRIL

BOOK CELL INSTALAÇÃO

MATEJ KRÉN

O Projecto Book Cell do artista eslovaco Matej Krén, instalado no Hall do CAMJAP, consiste numa estrutura arquitectónica constituída por milhares de livros empilhados em que somos convidados a entrar.

Ideia recorrentemente explorada pelo artista, Book Cell reúne edições da Fundação Calouste Gulbenkian ao longo dos seus 50 anos, reforçando a natureza site specific do trabalho com a incorporação de um dos mais preciosos filões da história da intervenção cultural desta instituição.

CAMIAP, Hall

Entrada livre



ATÉ 29 ABRIL

FUNDAÇÃO

PEDRO CABRITA REIS

Uma instalação iniciada em Julho que reúne materiais da Fundação Gulbenkian dos últimos 50 anos. Incorpora metáforas da construção, da casa, do ofício e labor, frequentes na sua obra, a que se juntam The White Room, uma ocupação no Hall de entrada do Museu com um conjunto de pinturas do artista.

CAMIAP, piso 0

ATÉ 29 ABRIL

HUMOR E ILUSTRAÇÃO NA COLECÇÃO CAMIAP

Desde sempre, grandes artistas gostaram de estender o seu traço à interpretação mordaz do quotidiano urbano. Portugal não constituiu uma excepção e alguns dos artistas que viriam a constituir o centro do nosso primeiro modernismo deram provas disso. Artistas como Cristiano Cruz, António Soares, Jorge Barradas e até o próprio Amadeo de Souza-Cardoso, estão representado nesta exposição.

CAMIAP, piso 01



ATÉ 29 ABRIL

A PARTIR DA COLECÇÃO

Algumas obras da colecção do CAMIAP consideradas importantes na História de Arte dos séculos XX e XXI são mostradas como perspectiva sumária e muito aberta sobre o espólio.

CAMIAP, piso 01



MÚSICA

1, QUINTA, 21H00

2, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Cristian Mandeal MAESTRO

Artur Pizarro PIANO

Mikhaïl Glinka, Piotr Ilitch Tchaikovsky, Max Reger

Grande Auditório

4, DOMINGO, 12H00

CONCERTOS DE DOMINGO

Lúcia Lemos SOPRANO

João Paulo Santos PIANO

Robert Schumann, Camille Saint-Saëns, Claude Debussy,

Francis Poulenc, Benjamin Britten

Átrio da Biblioteca de Arte

4, DOMINGO, 18H00

COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO

com Rui Vieira Nery

Auditório Três

4, DOMINGO, 19H00

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

LES CARACTÈRES

Xavier Julien-Laferrière DIRECÇÃO

Miriam Ruggeri SOPRANO

Patricia González SOPRANO

Matthieu Cabanes TENOR

João Fernandes BAIXO

António Teixeira

Grande Auditório

5, SEGUNDA, 19H00

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

Karina Axenova PIANO

Alexandra Mendes VIOLINO

Clélia Vital VIOLONCELO

Felix Mendelssohn-Bartholdy, Dmitri Chostakovitch,

Antonín Dvorák

No centenário do nascimento de Dmitri Chostakovitch

Auditório Dois



8, QUINTA, 21H00

9, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Stanislaw Skrowaczewski MAESTRO

James Ehnes VIOLINO

Stanislaw Skrowaczewski, Wolfgang Amadeus Mozart,

Ludwig van Beethoven

Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart

Grande Auditório

13, TERÇA, 19H00

CICLO GRANDES ORQUESTRAS MUNDIAIS

SWR SINFONIEORCHESTER BADEN-BADEN UND FREIBURG

Sylvain Cambreling MAESTRO

Dagmar Peckova MEIO-SOPRANO

Claude Debussy, Igor Stravinsky, Alexander von

Zemlinsky, Arnold Schönberg

Coliseu dos Recreios

15, QUINTA, 21H00

16, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

Michael Zilm MAESTRO

Christiane Oelze SOPRANO

Birgit Remmert MEIO-SOPRANO

Rainer Trost TENOR

Andreas Schmidt BARÍTONO

Gustav Mahler

Grande Auditório

17, SÁBADO, 19H00

CICLO DE CANTO

Magdalena Kozená MEIO-SOPRANO

Malcolm Martineau PIANO

Robert Schumann, Antonín Dvorák, Jan Josef Rösler,

Peter Eben

Nos 150 anos da morte de Robert Schumann

Grande Auditório

22, QUINTA, 21H00

23, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

Lawrence Foster MAESTRO

Nikolai Znaider VIOLINO

Mervon Mehta RECITANTE

Edward Elgar, William Walton

Grande Auditório



26, SEGUNDA, 18H00

COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO

com Philippe Albéra

Auditório Três

26, SEGUNDA, 19H00

VANGUARDAS / NOVAS VANGUARDAS

ENSEMBLE CONTRECHAMPS

SWR VOCALENSEMBLE STUTTGART

Heinz Holliger DIRECÇÃO

Félix Renggli FLAUTA

1ª Audição em Portugal

Grande Auditório

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

2, SEXTA, 11H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

CONCERTO COMENTADO

Cristian Mandeal MAESTRO

Artur Pizarro PIANO

Tchaikovsky / Glinka

Concerto comentado por Rui Vieira Nery

A partir dos 8 anos

€5

24, SÁBADO, 16H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

CONCERTO COMENTADO

Lawrence Foster MAESTRO

António Rosado PIANO

Rachmaninov, 3º concerto

Concerto comentado por Alexandre Delgado

A partir dos 8 anos

€5

EVENTOS

16, SEXTA, 11H00

A Sociedade em Rede eo Bem-Estar das Nações
Manuel Castells
CONFERÊNCIA

Auditório Três

No final da conferência de Manuel Castells será lançada a obra "A Sociedade da Informação e o Estado Providência. O modelo finlandês", quinta obra do autor editada pela Fundação.

VISITAS TEMÁTICAS NO CAMJAP

Entrada livre. Não é necessária marcação prévia.

CICLO ENCONTROS IMEDIATOS CONVERSAS À HORA DO ALMOÇO

2, SEXTA, 13H15

Obra de Pedro Cabrita Reis (as partes e o todo),
por Carlos Carrilho

16, SEXTA, 13H15

S/ Título de José Pedro Croft (as partes e o todo),
por Lígia Afonso

CICLO ARTISTAS DA COLEÇÃO

11, DOMINGO, 12H00

António Pedro como Precursor do Surrealismo Português, por Sílvia Almeida

CICLO PARADIGMAS CONTEMPORÂNEOS

4, DOMINGO, 12H00

Parte 1 - Os desafios da contemporaneidade: dispositivos e mnemónicas, do truque à realidade,
por Susana Anágua

18, DOMINGO, 12H00

Parte 2 - O processo criativo, por Susana Anágua

25, DOMINGO, 12H00

Parte 3 - Instituição e obra: as parte de um todo,
por Susana Anágua

CICLO ZONAS DE CONTACTO

24, SÁBADO, 15H00

Exposições e curadores, por Sandra Vieira Jürgens

CICLO VISÕES E ACASOS

4, DOMINGO, 15H00

A experiência do visitante,
por Lígia Afonso e Carlos Carrilho

CURSOS

3 e 4, SÁBADO E DOMINGO,

10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30

Fotografia e Arte Contemporânea,
por Sílvia Almeida

Sala 3, Sede da Fundação

€60 [marcação prévia]

23 e 24, SÁBADO E DOMINGO,

10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30

Da luz ao tom, da cor à música: alguns momentos chave da história da cor,
por Ana Gonçalves

Sala 3, Sede da Fundação

€60 [marcação prévia]

PARA OS MAIS NOVOS

PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA AS ESCOLAS NO MUSEU CALOUSTE

GULBENKIAN:

Marcação prévia, tel. 21 782 34 22; 21 782 34 57; fax 21 782 30 32
dcerqueira@gulbenkian.pt
www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira
das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

ATELIÊS E VISITAS-ATELIÊS NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira
das 10h00 às 12h30 e das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

3, SÁBADO, 15H30

SPLASH AZUL – MERGULHOS NA COLEÇÃO!

Visita-jogo, por Vera Avelos e Adriana Parda
Dos 6 aos 10 anos
€4

4, DOMINGO, 11H00 ÀS 12H00 E 15H30 ÀS 17H00

A NOITE DOS ANIMAIS INVENTADOS

IDEIAS IRREQUIETAS

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim
Dos 2 aos 4 anos + 1 adulto [11h00 às 12h00]
e dos 5 aos 7 anos [15h30 às 17h00]
€4,50

10, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30

11, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

INSPIRAÇÃO MATEMÁTICA

Oficina, Arte e Natureza – arte ao ar livre,
por Carlos Carrilho e Cecília Costa
Dos 6 aos 10 anos [dia 10] e dos 4 aos 6 anos + 1 adulto [dia 11]
€5

17, SÁBADO, 15H30

HÁ VIDA NA ARTE?

Visita-jogo, por Patrícia Tiago e Sara Sousa
Dos 6 aos 10 anos
€4

18, DOMINGO, 11H00 ÀS 12H00 E 15H30 ÀS 17H00

A NOITE DOS ANIMAIS INVENTADOS

IDEIAS IRREQUIETAS

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim
Dos 2 aos 4 anos + 1 adulto [11h00 às 12h00]
e dos 5 aos 7 anos [15h30 às 17h00]
€4,50

19 A 21, SEGUNDA A QUARTA, 14H30 ÀS 17H30

OFICINA DO CARNAVAL

A ALDEIA DO RISO

Oficina de Ioga e artes plásticas, por Sara Inácio e Nuno Palha
Dos 6 aos 10 anos
€21,00 [3 sessões]

24, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30

25, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

TUDO SE TRANSFORMARÁ:

ARMÁRIOS PARA MUITOS CENÁRIOS

Oficina em torno da instalação de Pedro Cabrita Reis,
por Carla Rebelo e Rita Cortez Pinto
Dos 6 aos 10 anos [dia 24] e dos 4 aos 6 anos + 1 adulto [dia 25]
€5

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

3, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

4, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

MARIA ANTONIETA – A CADEIRA DA RAINHA

O MUSEU EM FAMÍLIA

€10 [uma criança e um adulto]

€4 [por cada criança adicional em cada grupo]

10, SÁBADO, 10H30 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H00

11, DOMINGO, 10H30 ÀS 13H00

CARNAVAL NO MUSEU

Dos 4 aos 12 anos

€30 [módulo de um dia e meio]

10, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

11, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

AINDA É INVERNO NA ARTE E NO PARQUE

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

Dos 4 aos 12 anos

€7,5 [inscrição até 13 de Fevereiro]

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

1, 8, 15 e 22, QUINTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM BARROCO E CLÁSSICO

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos

€4

1 A 3, QUINTA A SÁBADO, 10H00

VEM DANÇAR AS FORÇAS DA NATUREZA*

Oficina de expressão corporal e dramática que trabalha sobre os sons e os movimentos suscitados pela ideia e pela experiência de forças naturais como os ventos uivantes, as chuvas torrenciais, o desmoronamento de terras ou o rebotar do trovão, a propósito da "Ode do Trovão" de Telemann. Conceção e Orientação: Aldara Bizarro
Dos 6 aos 12 anos
€4

1 A 3, QUINTA A SÁBADO, 10H00

CHOSTAKOVITCH – PERCURSOS DE UM COMPOSITOR EM FORMA DE HOMENAGEM

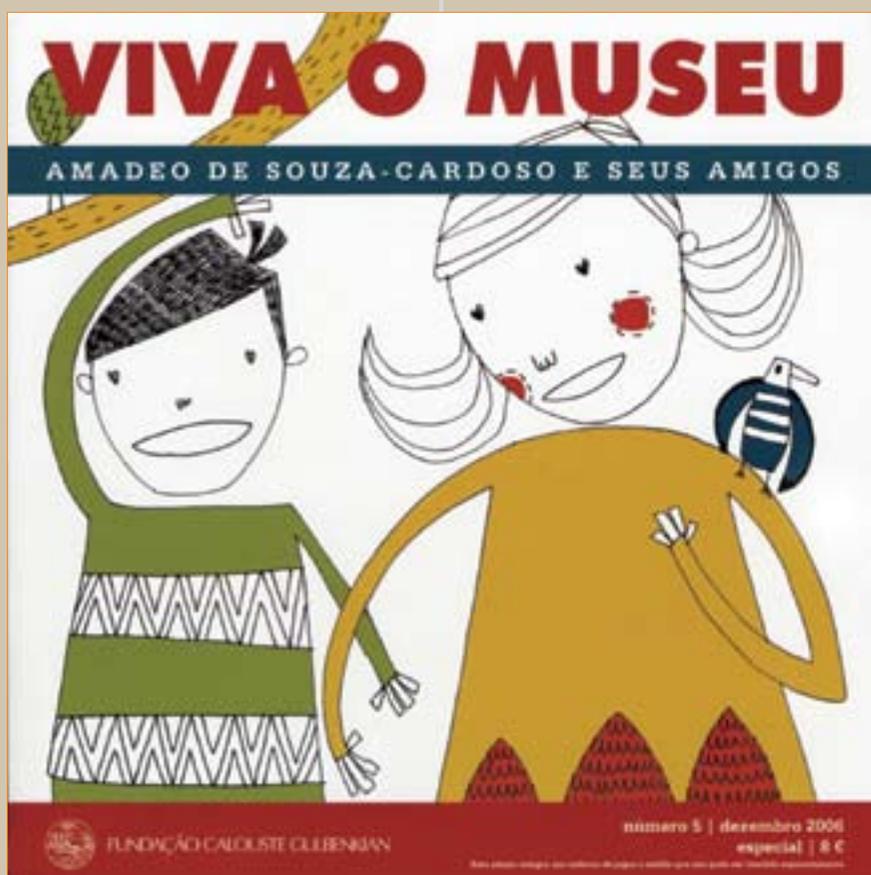
Oficina/concerto de exploração musical que nos leva a descobrir o mundo fascinante e variado da obra de Chostakovitch no ano em que se comemora o centenário do seu nascimento. Conceção e Orientação: Etienne Lamaison
Dos 6 aos 12 anos [sábado] e dos 13 aos 17 anos
€5

7, 14, 21 e 28, QUARTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos

€4



9, 16 E 23, SEXTA, 10H00

COMO SE FAZ UM CONCERTO?

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos

€4

10, SÁBADO, 10H00 E 15H00

TUDO SE TRANSFORMA – MATERIAIS RECICLÁVEIS*

Oficina de construção de instrumentos

Dos 8 aos 14 anos

€5

12 A 24 [EXCEPTO DOMINGO], 10H00

OUTROS TEMPOS, TEMPERATURAS E ESTAÇÕES

Oficina de “commedia dell’arte”, e expressão dramática e musical, complementar ao Concerto Encenado

“Tempo, Temperaturas e Estações” (ver Mini-temporada)

Concepção e Orientação: Madalena Wallenstein

Dos 6 aos 12 anos

€4

16, 21, 22 E 23, 11H00 | 17 E 20, 15H30 | 18 E 24, 15H30

CONCERTO ENCENADO

Tempo, Temperaturas e Estações

Direcção Cénica: Filipe Crawford

Direcção musical: Marcos Magalhães

A partir de 5 anos

€6

Auditório Dois

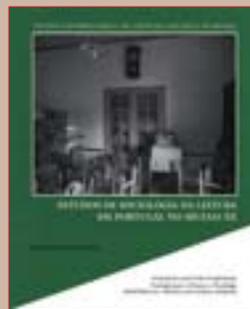


*evento associado ao programa educativo do CAMJAP

PUBLICAÇÕES

VIVA O MUSEU, NÚMERO 5

Inspirado na exposição “Amadeo de Souza-Cardoso. Diálogo de Vanguardas”, o número 5 do “Viva o Museu” procura, de uma forma divertida e coloquial, mostrar a obra do artista português e de outros artistas seus amigos que, como ele, marcaram a arte do seu tempo. Através do diálogo de quatro amigos – a Alice, o Miguel, a Carolina e o Simão – pretende-se estimular a imaginação e a criatividade de crianças e jovens a partir da descoberta das pinturas, esculturas, desenhos e gravuras. São mil e um animais em correrias, príncipes, donzelas, cavaleiros caçadores, mulheres de corpos enormes, outras de esguias silhuetas ou vestidas de manchas coloridas, bonecas, máscaras de papel, árvores sem sombra... tudo para descobrir nestE número. A edição inclui um caderno de jogos e ateliês com várias propostas de actividades relacionadas com as obras reproduzidas no primeiro volume. Viva o Museu é dirigido por Sofia Lapa e João Paulo Martins, e destina-se a crianças entre os 7 os 12 anos.



ESTUDOS DE SOCIOLOGIA DA LEITURA EM PORTUGAL NO SÉCULO XX

Direcção de Diogo Ramada Curto

Com o objectivo de reflectir sobre a sociologia da leitura no nosso país, vinte jovens investigadores decidiram realizar este projecto sob orientação do Prof. Ramada Curto. Estes Estudos estão divididos em quatro grandes capítulos: Escolas e bibliotecas; Práticas e Comunidades de leitura; Escritores, intelectuais e cientistas; Representações fotográficas. Este livro é uma edição da Fundação Gulbenkian em parceria com a Fundação para a Ciência e Tecnologia.

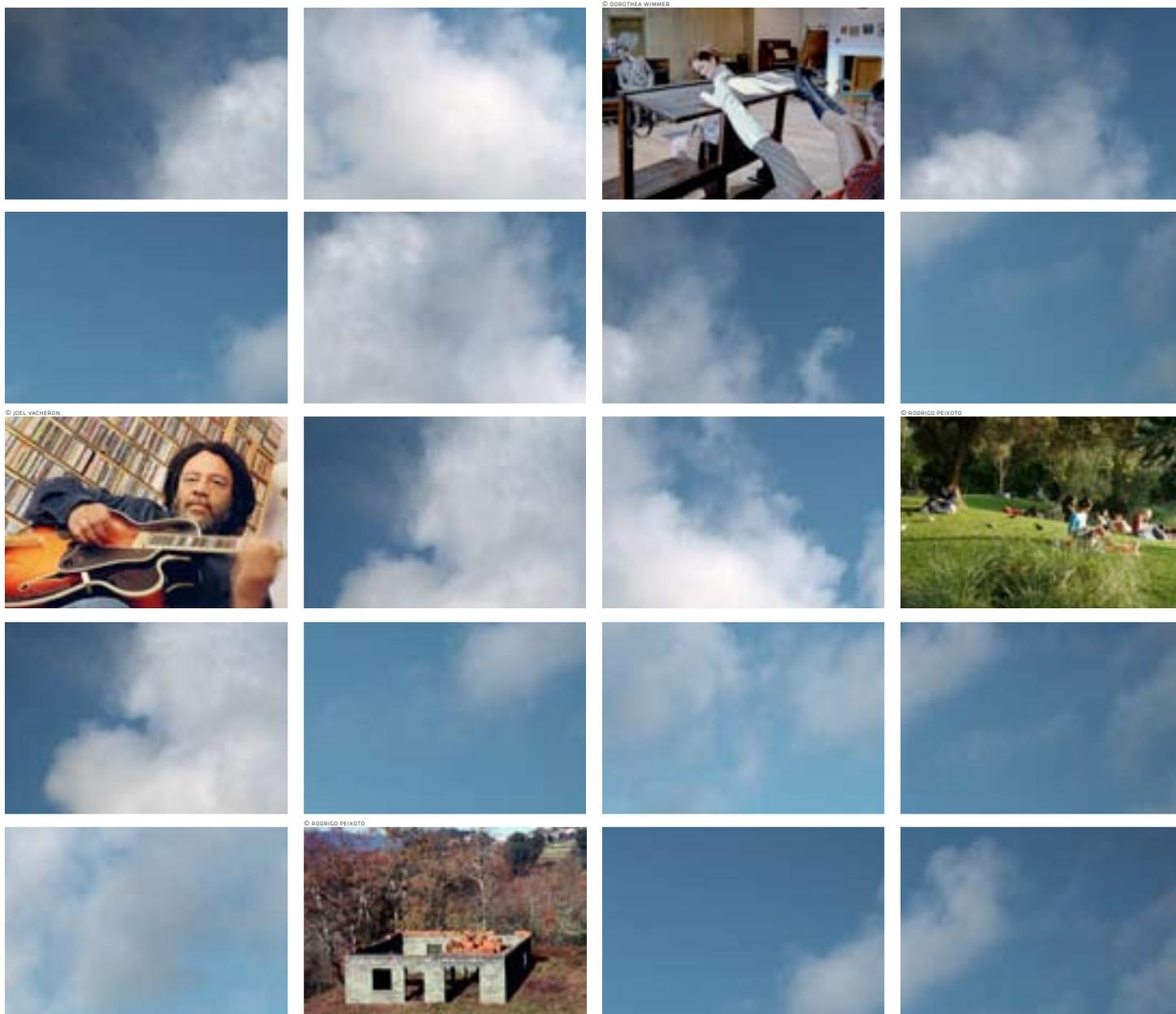
o estado do Mundo



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



PLATAFORMA 2: 18 MAIO A 31 JULHO 2007



ANÚNCIO DA PROGRAMAÇÃO: 28 FEVEREIRO 2007

www.gulbenkian.pt/estadodomundo/